



# Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul

*estudos literários e históricos*

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES  
ORG.**

**80**



UNIVERSIDADE  
**ABERTA**  
www.uab.pt

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





# **Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul: estudos literários e históricos**



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves  
(Org.)

# Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul: estudos literários e históricos



**CIPSH**  
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMANISTIC STUDIES  
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**   
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2024

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul: estudos literários e históricos
- Autores: Francisco das Neves Alves (Org.); Luciana Coutinho Gepiak e Marcelo França de Oliveira
- Coleção Rio-Grandense, 80
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-026-5

**CAPA:** Tomada do reduto Estabelecimento – *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 29 mar. 1868, p. 4-5.



# SUMÁRIO

**Literatura de viagem no Rio Grande do Sul à época da Guerra do Paraguai: o olhar de Gastão d'Orleans acerca da Província e dos sul-riograndenses / 11**

Francisco das Neves Alves

**A guerra na produção literária de Revocata Heloísa de Melo / 55**

Luciana Coutinho Gepiak

**A Guerra do Paraguai nas crônicas de um maragato: brevíssimo estudo de caso / 83**

Marcelo França de Oliveira



# **Literatura de Viagem no Rio Grande do Sul à época da Guerra do Paraguai: o olhar de Gastão d’Orleans acerca da Província e dos sul-rio-grandenses**

Francisco das Neves Alves\*

Uma representativa parcela de fragmentos a respeito da formação rio-grandense-do-sul, ao longo do século XIX, pode ser reconstituída através dos registros entabulados por estrangeiros que pela Província passaram nesse período. Esses “testemunhos oculares” proporcionam versões peculiares que, de maneira complementar, servem a uma melhor compreensão de determinados aspectos da formação urbana, social,

---

\* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

econômica e política do Rio Grande do Sul de então (ver Barreto, 1962). Desse modo, ao narrar vivências diferenciadas das crônicas oficiais de forte influência descritiva e embasadas nos feitos individuais e/ou governamentais, surgem temáticas que constituíam parte do cotidiano de segmentos da população e que não eram encontradas na própria produção historiográfica. Assim, frente à ausência de fontes, os relatos dos cronistas representam um importante documento de consulta, de aproximação e de distanciamento, de preconceitos e de visões distorcidas, de relatos inéditos e espontâneos dos costumes e até de idealizações do universo socioeconômico rio-grandense (Alves & Torres, p. 72-73).

Tais crônicas constituem uma Literatura de Viagem, a qual está vinculada a textos que na “viagem foram buscar temas, motivos e formas que, na sua globalidade, se identificam como um conjunto autônomo, distinto de outros conjuntos textuais”. Esses registros constituem um “subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia”, buscando na viagem “temas, motivos e formas”. Não se trata de apenas destacar o deslocamento em si, mas também abordar aquilo que “pareceu digno de registro”, como “a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes”, e ainda “os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais” (Cristóvão, p. 15 e 35).

Nesse quadro, esse gênero de Literatura “estimulou o fascínio pelo outro”, de modo que “viajar

era um ato paciente de observação, de obter informações e aprender". Assim, "cartas, diários e relatos foram elementos importantes na construção sobre as experiências que envolveram essas andanças pelo território", com "descrições pormenorizadas dos seres, das coisas, dos costumes dos povos", que "foram empreendidas como registro dos sentimentos e inquietações do viajante". Tais "relatos de viagem permitiram aos leitores serem guiados pela sua imaginação"(Assunção, p. 162 e 165). A partir do viajante e de seus relatos sobre as terras que atravessa, pode-se observar "o modo como o discurso procura dar conta de uma progressão intelectual radicada no contato e no convívio, na experiência" (Rita, p. 261).

Esses relatos podem aflorar em "questões de comparatismo literário", e também "problematizar as questões da interpretação e da alteridade, além da retórica e da ciência", ao promoverem a interação entre "espaços diferentes com sociedades e culturas diversas através de narrativas que se equilibram entre o objetivo e o subjetivo, a realidade e a ficção" (Ribeiro, p. 157-158). De acordo com tal perspectiva, foi a "evocação de elementos como memórias, experiências, sensações, necessidades e desejos" que possibilitou a construção e tornou "conhecida uma realidade desconhecida, uma aproximação do outro e de si mesmo no outro", ou ainda, "ela se deu com novas experiências para o corpo, seja de quem a produzia ou de quem era 'produzido' por ela" (Bezerra, p. 9).

No caso do Brasil meridional, na conjuntura desse tipo de relato, esteve o realizado pelo Conde

D'Eu<sup>1</sup>, que permaneceu no Rio Grande do Sul entre agosto e novembro de 1865. Ligado à nobreza europeia, Luís Filipe Maria Fernando Gastão d'Orleans era o filho mais velho dos Duques de Nemours e neto de Luís Felipe, rei francês, e de Maria Amélia, filha de Fernando I, rei das Duas Sicílias, tendo nascido em Neully-sur-Seine a 28 de abril de 1842 e falecido a bordo do paquete "Massília", em uma viagem que empreendia ao Brasil, a 28 de agosto de 1922 (ver Cascudo, Fleiuss e Silva). A ligação do Conde D'Eu com o Brasil deu-se a partir do sistema de casamentos arranjados dentre os nobres europeus de então, em uma intrincada relação de linhagens e dinastias a qual o Monárquico Brasil fazia questão de ligar-se através dos sucessores dos soberanos. Por ocasião da busca de um esposo para as princesas brasileiras, Gastão d'Orleans foi descrito como rapaz robusto, alto, desempenado, culto, de boa figura, de boa índole, muito amável, muito instruído, estudioso e um tanto heroico, possuindo uma pequena fama militar, tendo em vista uma campanha que fizera, a serviço da Espanha, contra tribos berberes, no Marrocos (Lyra, p. 213).

---

<sup>1</sup> Texto ampliado a partir de ALVES, p. 77-87.

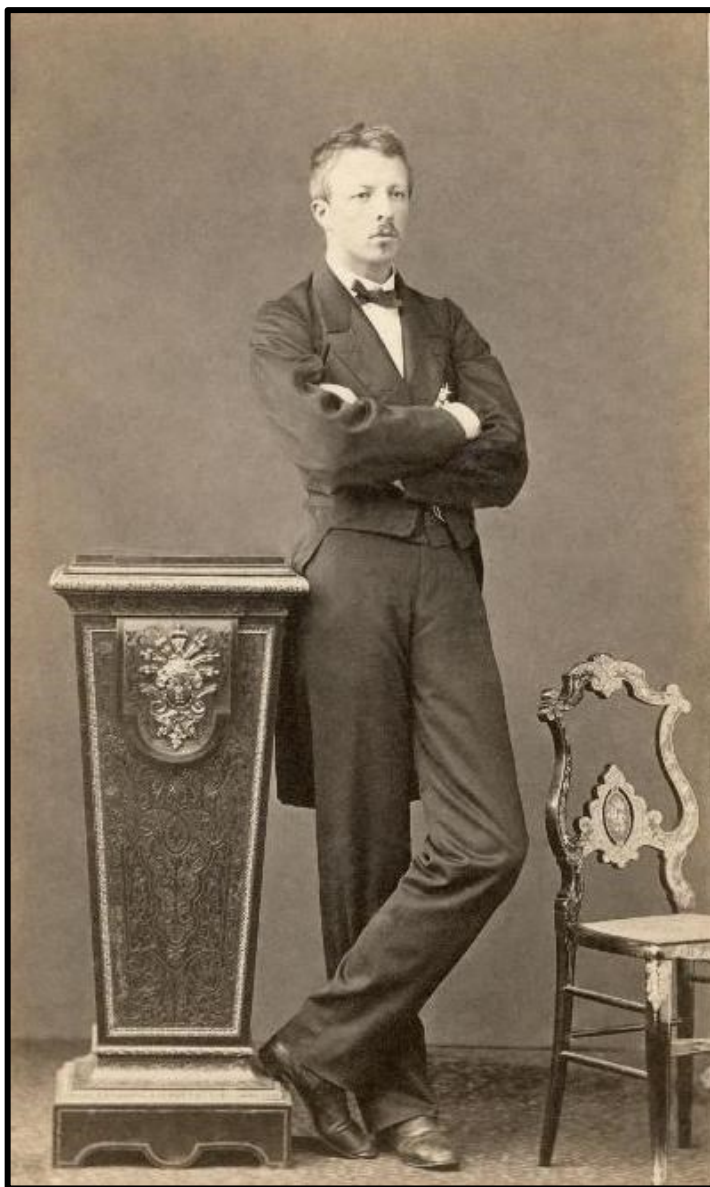
GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS





GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS





GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS





O Conde, tendo se casado com a Princesa Isabel, em 1864, retornava com a mesma da Europa, no ano seguinte, quando, ao chegar ao Rio de Janeiro, tomou conhecimento da partida do Imperador para o sul do

país, tendo em vista a invasão paraguaia ao território gaúcho, em um dos primeiros atos bélicos da Guerra contra o Paraguai (ver Gay, Docca e Versen). De acordo com seus “pendores militares”, por oportunismo, segundo alguns autores, ou por heroísmo, segundo outros, Gastão d’Orleans resolveu também deslocar-se para o Rio Grande do Sul, indo ao encontro de D. Pedro II. De sua estada de exatos três meses em terras sul-riograndenses, o nobre francês elaborou um “diário de viagem”, que só viria a ser publicado em 1919, no qual narrou, dia a dia, suas observações acerca dos lugares visitados. Essa obra foi qualificada como de grande interesse, podendo ser colocada entre as melhores dentre as resultantes de viagens ao Rio Grande do Sul (Barreto, 1973, p. 480). Nela estão contidas questões de acomodação, deslocamento de pessoal, instalação de casernas, pouso de remonta para a cavalaria, instrução de recrutas, tudo analisado “às pressas”, mas com segurança precisão e conhecimento de um técnico. Além disso, suas narrações sobre o “tipo gaúcho” representam “quadros de movimento e de cor” narrados em estilo simples, claro, preciso, nítido, sem arabesco, sem artificialidade e sem retórica<sup>2</sup> (Casculo, p. 69-70).

Na introdução de seu livro, D’Eu fazia algumas ressalvas quanto ao conteúdo e à natureza do mesmo.

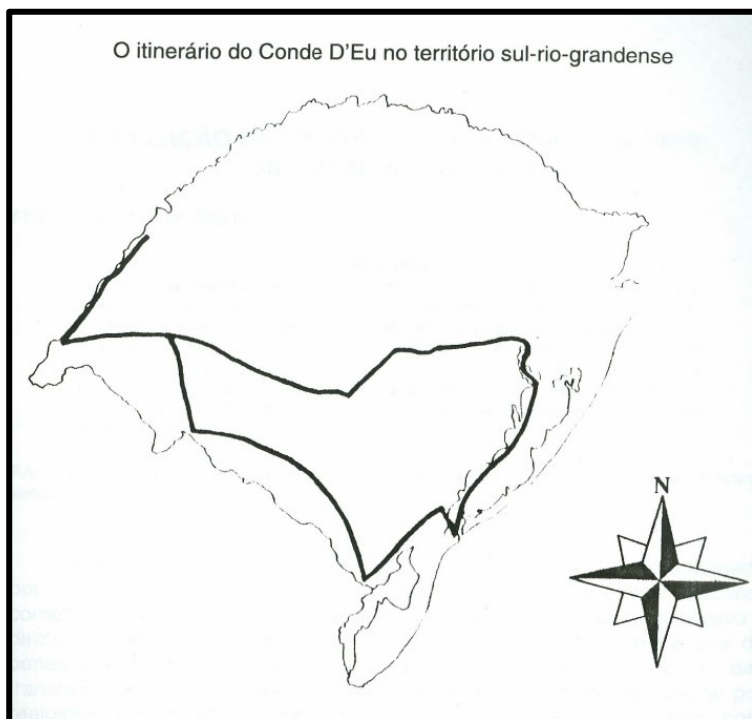
---

<sup>2</sup> Algumas das vivências do Conde D’Eu no Rio Grande do Sul foram ilustradas neste trabalho com as gravuras produzidas por outro visitante europeu, o alemão Hermann Rudolf Wendroth, que esteve em território sulino, aproximadamente uma década antes da vinda do nobre europeu e que, por meio de suas aquarelas, apresentou uma série de registros iconográficos sobre a terra e a gente sul-riograndenses.

Destacava que as suas observações referiam-se a fatos ocorridos há cinquenta e quatro anos passados e que não tinham aplicação à situação das regiões no momento da publicação, as quais já estavam em “adiantado estado de civilização”. Mencionava ainda que suas impressões de viagem estavam destinadas à sua família na Europa, e que ele, recém-chegado de tal continente, não estava ainda, àquela época, familiarizado com muitos dos usos especiais da terra, o que teria originado algumas considerações as quais já não ofereceriam mais tanto interesse, mas que não seriam suprimidas para que aquele “modesto escrito” não perdesse o “cunho de originalidade” que se consistiria no seu “único mérito” (Eu, p.13-14).

A viagem do Conde D’Eu pelo Rio Grande do Sul compreendeu boa parte do território provincial, tendo percorrido uma longa extensão de terras ao longo da metade centro-meridional da Província. No transcurso de ida, ele passou por Rio Grande, Porto Alegre, Rio Pardo, Cachoeira, Caçapava, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana, Itaqui e São Borja. Já o retorno deu-se através das localidades de São Borja, Itaqui, Uruguaiana, Alegrete, Santana do Livramento, Bagé, Jaguarão, Pelotas e de volta ao Rio Grande. A narração empreendida concentrava-se nos assuntos de natureza militar, como o próprio título da obra indicava, havendo uma especial atenção à descrição de fortificações, contingentes de soldados, de voluntários e da Guarda Nacional, hospitais militares, uniformes e eventos bélicos. Ainda nos escritos do Conde são descritos alguns dos representativos acontecimentos envolvendo a política externa brasileira de então, os quais se desenrolaram no território gaúcho, como o encontro dos

três líderes da Tríplice Aliança que sustentava a luta contra o Paraguai e o reatamento diplomático com a Inglaterra, rompido desde os episódios da Questão Christie. Ao lado desses elementos político-militares, aparecia, como pano de fundo da narração, uma série de observações do autor a respeito de hábitos, usos, costumes, formas de agir e pensar do gaúcho, bem como acerca da sociedade rio-grandense daquela época.



Uma das características do diário de viagem do nobre francês era realizar uma apreciação, mais ou

menos breve, sobre a evolução urbana de cada uma das localidades pelas quais ele passava. Sobre cidade do Rio Grande, o autor destacava que a visão da mesma era precedida por uma “floresta de mastros”, descrevendo que aquela era a primeira que se fundara na Província, contando com quatorze mil habitantes, e tendo muitas casas de comércio, alemãs, na maioria, constituindo-se os couros e a carne seca os principais produtos de negociação. Ainda sobre a comunidade rio-grandina foi destacada a existência de três ruas principais todas paralelas à praia, com “lojas elegantes”, e muitas casas de azulejo que davam uma “impressão de asseio e elegância”. Sobre um dos grandes males ao avanço urbano da cidade, D’Eu observava que as ruas eram calçadas, porém, antes de se passarem as últimas casas, já se estava em um “mar de areia”, custoso de andar e que dificultava a edificação de novos prédios, mormente uma projetada fortificação, tendo em vista a “falta de coerência” das areias que se deslocavam ao menor vento. Já em seu retorno, quando se despedia da Província, o Conde descrevia que o Rio Grande era, “decididamente”, dentre todas as povoações visitadas, a que mais entusiástica e efusivamente exaltava a ação da Tríplice Aliança, homenageando os feitos bélicos de então através de festejos, embandeiramentos e nomes de ruas (Eu, p. 23-24 e 140).

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS



- Rio Grande (Wendroth) -



- Rio Grande (Wendroth) -



- Rio Grande (Wendroth) -

Quanto à capital da Província, o narrador descrevia-a como uma cidade toda em rampa que cobria as encostas de um outeiro quase inteiramente rodeado pelas águas, com alguns edifícios de “bela construção” consistindo-se em um “lindo panorama”. De um passeio por Porto Alegre, o autor relatava que a “parte mais conspícua” da cidade era a vasta praça que se estendia em frente ao Palácio da Presidência, que poderia ter um “belo aspecto” se a desobstruíssem dos montes de entulho que a desfiguravam. Descrevia ainda que as ruas eram largas, bem alinhadas e com muitas lojas; e que, ao pé do Palácio, erguia-se a catedral, “muito humilde igreja” e, em frente, ficavam um teatro de “dimensões desproporcionadas” em relação aos demais edifícios e os alicerces de uma futura Câmara Municipal.

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS



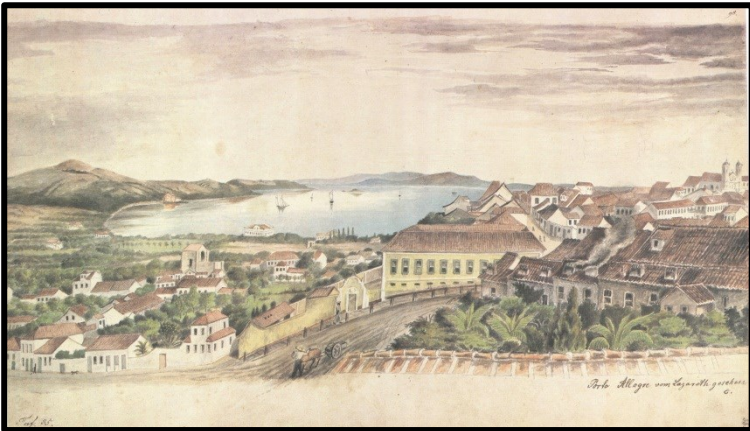
- Porto Alegre (Wendroth) -



- Porto Alegre (Wendroth) -

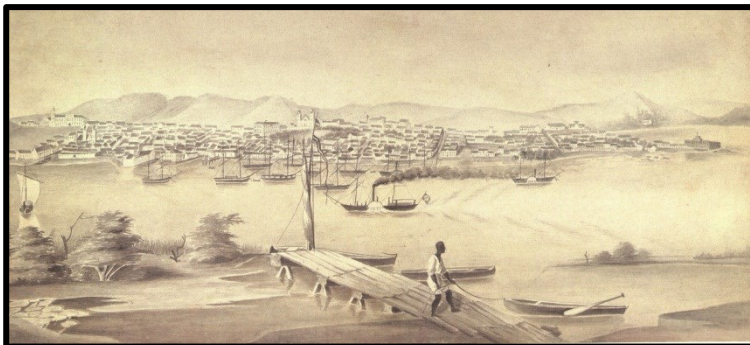


- Porto Alegre (Wendroth) -



- Porto Alegre (Wendroth) -

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS



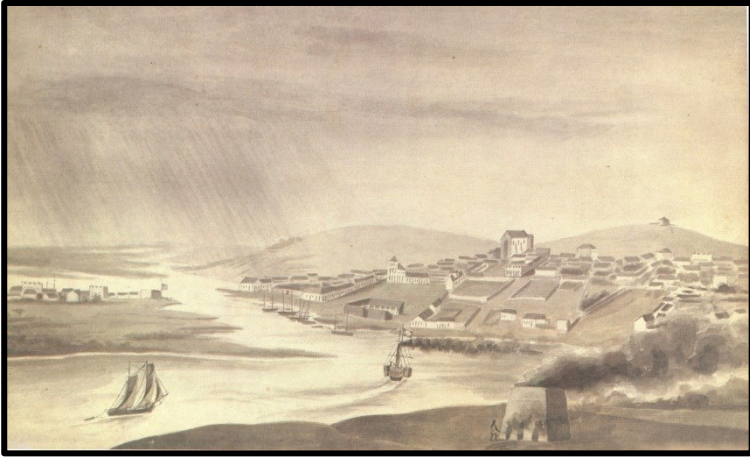
- Porto Alegre (Wendroth) -



- Porto Alegre (Wendroth) -

Partindo pelo Jacuí, o Conde D'Eu passou por Rio Pardo e Cachoeira, sobre a primeira, destacava que era uma “espécie de aldeia grande”, que tinha o título de cidade, contando com três mil almas, estando “toda situada num alto” e apresentando ruas e monumentos que “pouco interesse ofereciam”; e, a respeito da segunda, afirmava que também ficava “num alto” e que,

embora tivesse o título de cidade, não passava “de uma aldeia”, de modo que, com ela comparada, Rio Pardo seria “uma capital” (Eu, p. 29-31, 35 e 39).



- Rio Pardo (Wendroth) -

Seguindo a viagem por terra, o nobre francês visitou Caçapava onde encontrou Pedro II, daí seguindo o trajeto da comitiva imperial. Sobre a localidade, o autor descrevia-a como “uma vila tão inferior” a Cachoeira como esta era a Rio Pardo, destacando que muito dos projetos de edificações encontravam-se em ruínas, o que dava à mesma um “aspecto triste”, chegando a saudar o “venturoso dia” em que se dera adeus “aos pardieiros de Caçapava”. Já São Gabriel era descrita como uma cidade relativamente nova, cuja origem devera-se às Campanhas da Cisplatina de 1811 e 1828. A respeito dessa última, D’Eu afirmava que, apesar de seu título de cidade, não “o parecia ser”, com suas casas quase todas baixas, disseminadas no meio de

campos cultivados ou de recantos ervosos. Observava, no entanto, que aquele era o “mais importante foco de civilização encontrado” desde que se afastara da Lagoa dos Patos, tendo deixado de ser um centro militar, para tornar-se um núcleo de comércio de gado, que crescia rapidamente, possuindo jornais, “estabelecimentos de venda muito bem sortidos” e casas particulares onde dominava o asseio e muito conforto (Eu, p. 49-50, 52 e 63).

Na cidade de Uruguaiana, Gastão d’Orleans narrava a vitória sobre os paraguaios e, a respeito da localidade, explicava que ela possuía poucos edifícios “notáveis”, sendo a igreja o mais importante, e que não sabia se alguma vez ela chegara “a ser uma bela cidade”, porém, depois da ocupação paraguaia, tornara-se “uma cidade cheia de ruínas”, onde todas as casas foram saqueadas, todos os objetos de valor foram levados ou utilizados e, “tudo o mais, destruído”. A respeito de Itaquí, o autor afirmava que a mesma só se distinguia de outras já visitadas, por “ser muito mais insignificante”, tendo a “mesma praça grande quadrada” e as “mesmas ruas sem calçamento, mas direitas”, conservando por toda a parte os vestígios da invasão paraguaia. São Borja, por sua vez, foi descrita como “uma povoação muito aprazível, meio oculta nos seus esplêndidos laranjais”, porém, o autor lamentava o “aspecto desolador” do que restava das construções jesuíticas e lastimava que na América, que deveria ser a “terra do porvir”, já se encontrassem ruínas, e que, naquele “canto da terra americana, a civilização” tivesse retrogrado (Eu, p. 88 e 103, 110 e 115).

Já durante o seu retorno, D’Eu passou por Alegrete, a qual, com suas “lojas e casas asseadas” lhe

pareceu “uma Babilônia de riqueza depois das ruínas de Uruguaiana, Itaqui e São Borja”. Quanto à Santana do Livramento, o autor afirmava que a mesma possuía um “aspecto quase europeu”, com casas disseminadas pelo meio de jardins verdejantes, ao longo de uma distância de cem passos e com uma população de duas mil almas, da qual o “elemento brasileiro” não representava senão aproximadamente a metade, consistindo os demais em uruguaios, argentinos e europeus, com destaque para os italianos. Bagé foi descrita como uma “cidade de ruas largas”, cujas casas ostentavam um “número infinito de bandeiras europeias”, de modo que ali parecia não morar população brasileira. O narrador explicava, entretanto, que, tendo em vista os riscos de ser uma localidade de fronteira, as bandeiras eram muitas vezes utilizadas indevidamente, na busca dos “privilégios da neutralidade”, simulando-se “uma nacionalidade europeia”. O “ponto mais austral” da viagem do Conde D’Eu, foi Jaguarão, por ele apontada como “uma cidade relativamente insignificante”. Quase ao encerramento de sua permanência no Rio Grande do Sul, Gastão d’Orleans esteve em Pelotas, a qual lhe pareceu “como uma bela e próspera cidade”, com ruas “largas e bem alinhadas”, carruagens e edifícios, muitos com mais de um andar e com “elegantes fachadas”, que davam a “ideia de uma população opulenta”. Segundo o Conde, o “rápido desenvolvimento” dessa localidade era um “fato notável”, o qual não encontrava “análogo na Província”, o que pressagiava para ela “um futuro considerável”. O entusiasmo do autor para com Pelotas foi tal que chegou a afirmar que ela deveria ser a capital provincial (Eu, p.121, 125-126, 129, 132 e 134-136).

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS



- Pelotas (Wendroth) -



- Pelotas (Wendroth) -

Ao longo da narração o Conde D'Eu fez também algumas análises sobre elementos constitutivos da sociedade rio-grandense, mormente acerca das "elites" gaúchas. A respeito de uma rica família rio-grandina, o autor observou que a mesma havia empreendido viagens a Europa e que havia mandado um de seus filhos estudar neste continente. Porém, quanto à educação das filhas de um estancieiro da Campanha, o Conde ficou "horrorizado" ao constatar que nenhuma delas havia aprendido a ler. Ainda sobre os estancieiros, o nobre francês manifestava sua admiração diante das más condições de habitação dos mesmos, afirmando que não podia imaginar uma "existência mais triste" que a deles, "perdidos no meio daqueles imensos campos", em casas que não passavam do térreo, de taipa, apenas caiadas, com tetos de madeira e, às vezes, sem assoalho ou janelas. O narrador expressava sua "pena" pelo isolamento que marcava a "vida do estancieiro rio-grandense". Já quanto aos charqueadores, D'Eu, denominando-os de "aristocracia rio-grandense", descrevia alguns de seus "luxos", comentando que nas cidades, notadamente em Pelotas, o "gaúcho, cansado de criar bois e matar cavalos no interior da campanha" vinha "gozar as onças e patações" os quais ajuntara "em tal mister" (Eu, p. 25, 45-7 e 135).

Alguns dos elementos da estrutura econômica gaúcha também foram retratados por Gastão d'Orleans. Referindo-se à propriedade fundiária, ele destacava as grandes extensões de terras pertencentes a pouquíssimos proprietários, descrevendo que essas "enormes propriedades" eram utilizadas para a criação de gado bovino e cavalar, sobretudo do primeiro, por ser mais

lucrativo, uma vez que se transformava em carne seca e couros para a exportação. Outro setor da economia rio-grandense abordado foi o da atividade charqueadora. O autor descrevia as “famosas charqueadas”, nas quais os bois que vinham do interior eram “mortos, esfolados e salgados”. Sobre as charqueadas pelotenses, ele relatava que não as viu funcionando, o que só acontecia em dezembro, janeiro e fevereiro, meses nos quais, os animais, que sempre emagreciam “com as privações do inverno”, estavam gordos; além do que, nesta época, o sol era bastante forte para secar a carne e os couros, garantindo-se, assim, a produção do charque (Eu, p. 38 e 138).

Diversos dos hábitos e costumes dos sul-rio-grandenses chamaram a atenção do Conde, como aqueles relacionados à indumentária gaúcha. O poncho era descrito como o “trajo condicional da região”, diferente daqueles utilizados por espanhóis e mexicanos, consistindo-se “simplesmente”, em uma “capa de pregas muito largas, cortada uniformemente em círculo à altura dos joelhos”, geralmente de cor azul-escuro, preto, amarelo-escuro ou verde; sem outra abertura a não ser a do centro por onde se enfiava a cabeça. O “inconveniente” por ele apontado para esse traje prendia-se ao fato de que os braços ficavam dentro da roupa e para usá-los era necessário “levantar e sustentar um dos lados da capa”. Ainda a respeito do poncho, o autor destacava que, à época de calor, o “gaúcho elegante” substituía o de lã, por outro de “uma fazenda leve de algodão e seda”, normalmente com listas de “cores claras e vivas”, bem como brancos ou amarelos. D’Eu descrevia como um quadro “muito pitoresco” aquelas vestimentas “a flutuar à mercê do vento sobre o

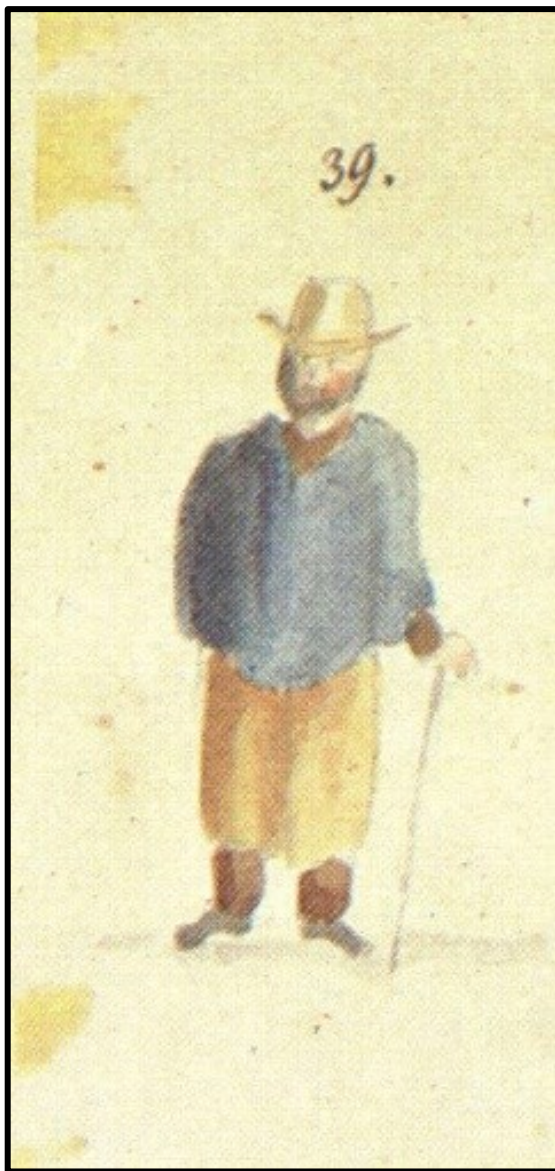
cavalo a galope, com os arreios muito enfeitados de prata”, porém, pareceu-lhe “ter pouca utilidade prática para a viagem”. Nessa linha, o escritor também fez referências ao tamanho das “esporas chilenas” utilizadas pelos cavaleiros rio-grandenses, descrevendo-as como “bastante incômodas” e ao extremado luxo dos arreios empregados nas montarias (Eu, p. 31-33 e 123).



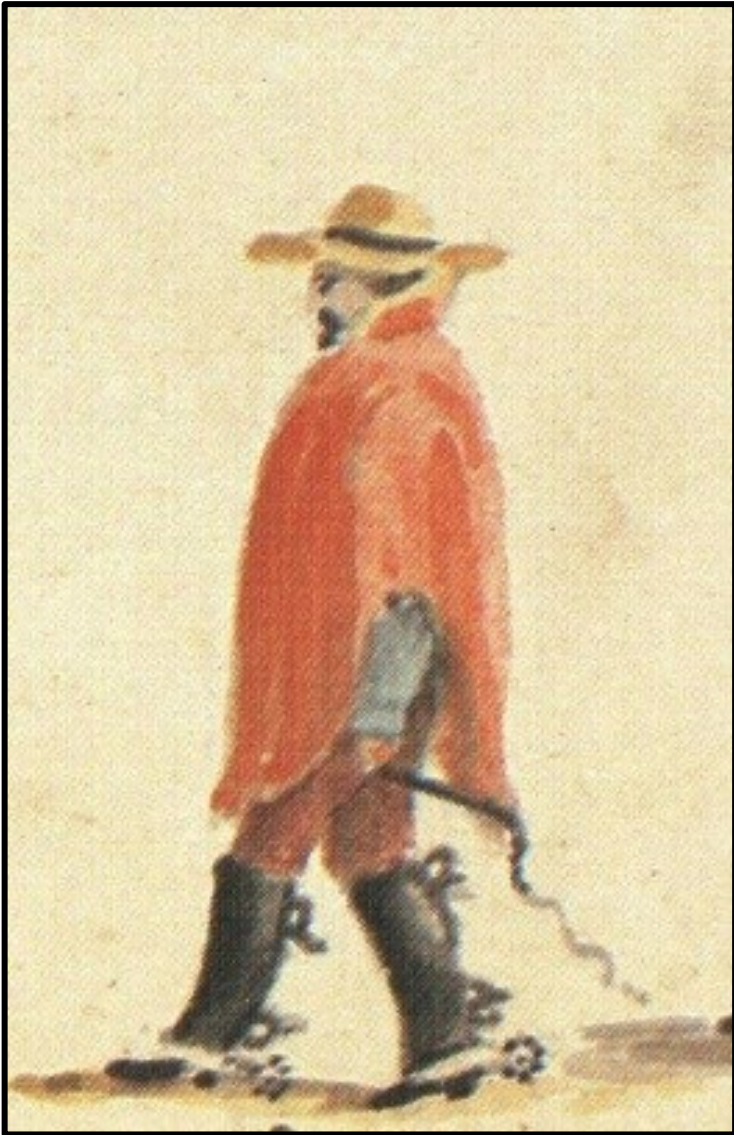
- uso do poncho (Wendroth) -



- uso do poncho (Wendroth) -

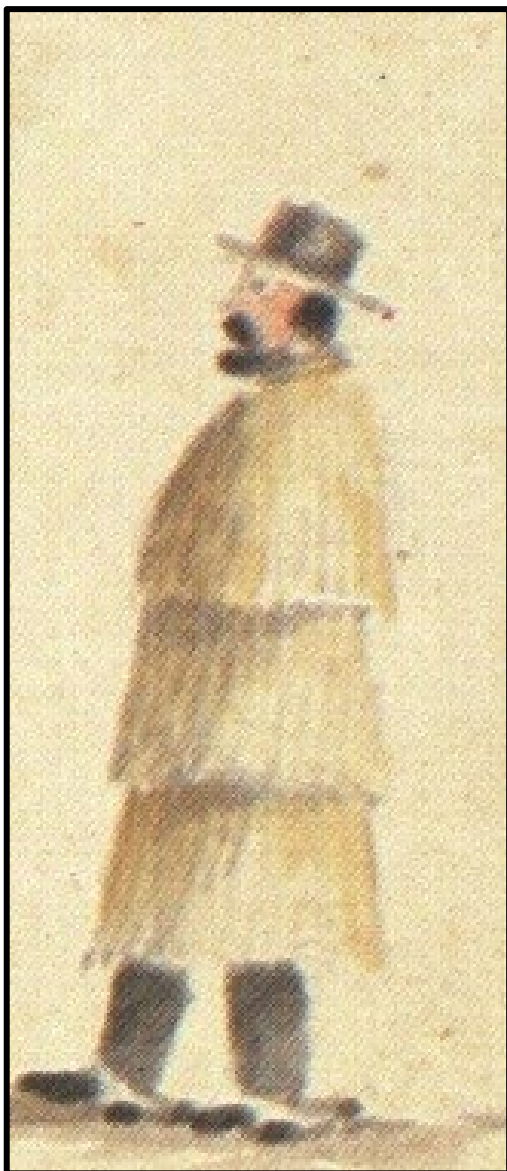


- uso do poncho (Wendroth) -

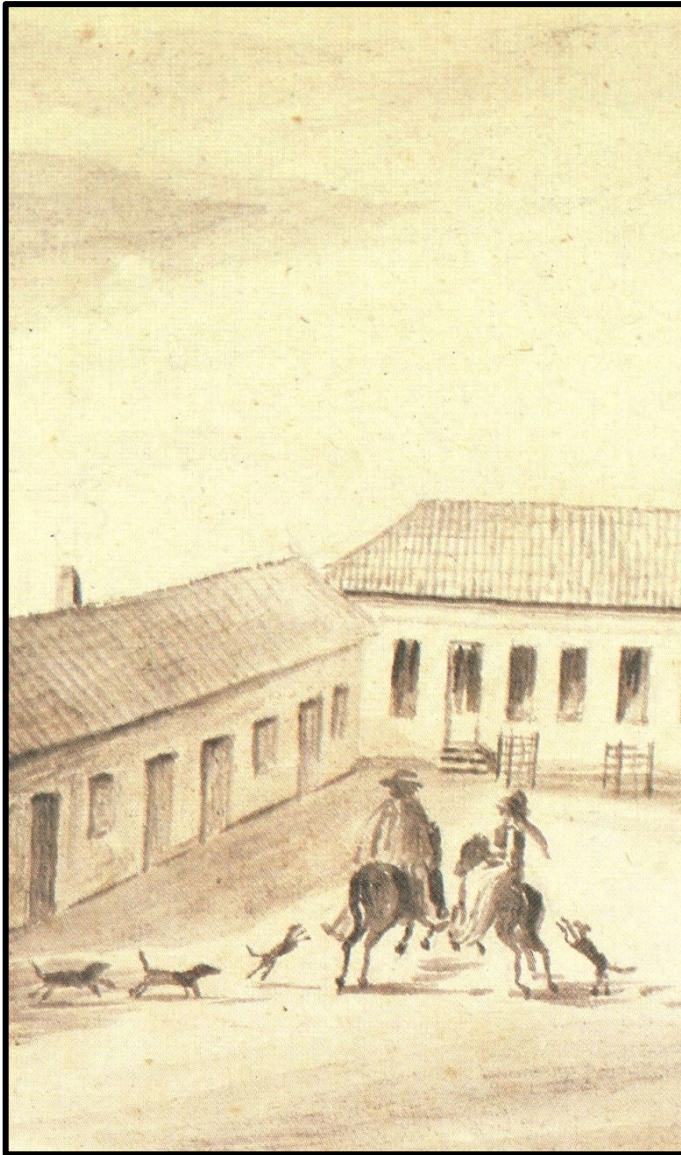


- uso do poncho (Wendroth) -

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS



- uso do poncho (Wendroth) -



- uso do poncho - detalhe (Wendroth) -



- uso do poncho (Wendroth) -

A qualidade dos cavalos e a forma de tratamento dada aos mesmos, no Rio Grande do Sul, foi um dos elementos que mais chamou a atenção do Conde D'Eu. O autor admirou-se pela grande quantidade de cavalos necessários em uma expedição de poucos homens, diante do que lhe foi justificado que os animais alimentavam-se apenas de capim e, por isso, tinham "pouquíssima força" e que, portanto, "nenhum ginete viajava sem três cavalos pelos menos". Diante disso, o

narrador confirmava que o cavalo rio-grandense era “um animal relativamente pequeno e pouco nutrido”. Ele chegava a comparar o dinheiro que o cavaleiro empregava nos arreios, que poderia chegar a cem libras, com tal gasto, ao passo que, com o cavalo, “quando muito dez libras”. Dessa maneira, criticava o fato de que o gaúcho preferia “enriquecer seus arreios a comprar grão para sustentar um cavalo, cujas pernas possam aguentá-lo e transportá-lo com segurança” Segundo D’Eu, a questão da montaria consistia-se em constante fator de atraso nas expedições, de modo que “*a cavalhada disparou*” ou “*a cavalhada morreu toda*” eram tradicionais expressões referentes a esse problema. Segundo ele, isso se devia ao sistema utilizado na Província pelo qual, “para não gastar com sustento dos cavalos”, os cavaleiros, à noite, deixavam os animais pastar em liberdade, redundando que, no dia seguinte, era necessário que os soldados andassem “duas horas a correr atrás dos cavalos para apanhá-los a laço”. O Conde também apontava uma outra prática dos gaúchos para com a sua montaria, considerando-a negativa, narrando que os cavalos, “segundo o costume da terra”, eram “deixados pelo caminho, à proporção que se mostravam incapazes de fazer serviço” (Eu, p. 36, 38, 43, 54, 56 e 68-69).

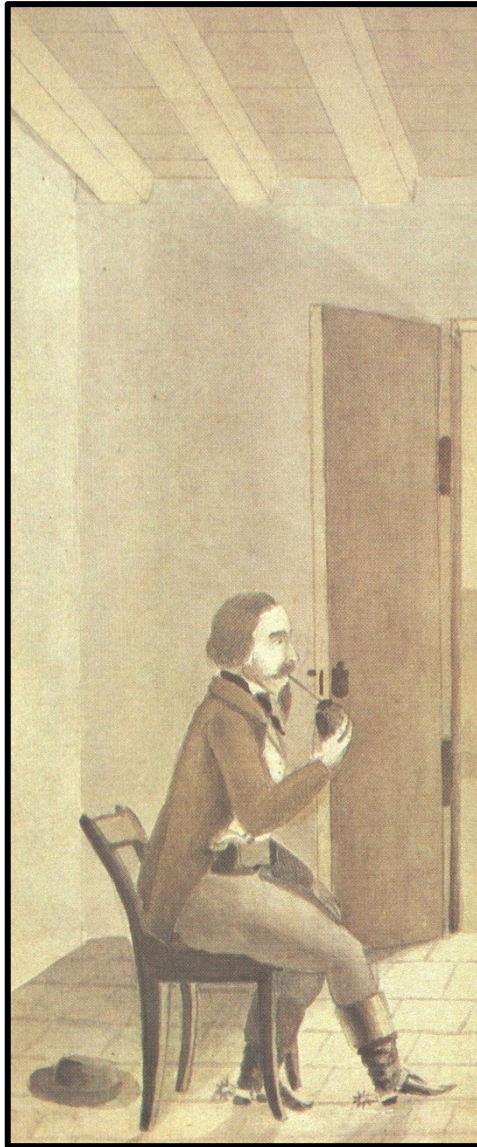


Extremamente interessado nas questões envolvendo a gastronomia, Gastão d'Orleans fez diversas referências aos hábitos alimentares dos sul-rio-grandenses. Acerca do mate, ele descrevia a forma de preparo e o modo de servir-se, afirmando que “a erva” constituía “a matéria da decoção de uso geral e constante na Província do Rio Grande do Sul”, de modo que, “para o gaúcho a cuia e a bombilha eram distrações tão indispensáveis como o charuto ou o tabaco para a maioria dos europeus”. Descrevia também que, em geral, servia “a mesma cuia e o mesmo tubo para toda uma sociedade” e que o mate era “de si um pouco amargo”, porém era “fácil fazer predominar na decoção o gosto do açúcar”, tornando-o “bastante agradável”, desde que a pessoa se habituasse “às partículas da matéria pulverizadas que lhe sobem à boca pelo tudo”. Ainda a esse respeito, o autor apontava que beber o mate era uma prática tão difundida que, ao chegar-se nas residências, o mesmo não era nem mesmo oferecido, pois era “um *sine qua non* que estava sempre pronto, que se pedia à criada como noutra parte se poderia pedir água fresca”. O churrasco, por sua vez, foi apontado como “o alimento habitual do rio-grandense”, porém, tendo sido perdidas as provisões, em um dos momentos da viagem, D'Eu e sua comitiva tiveram de parar em uma residência e “aceitar com reconhecimento a carne de vaca meio assada” que a dona da casa trazia “espetada num pau”, pois, ao que parecia, ela não tinha pratos. Diante da distribuição dos pedaços que se ia cortando com a faca, o Conde afirmava que “a operação pode ser suja”, mas o “sabor é excelente”. Mesmo assim, ao retornar à dieta advinda das provisões normais, o

nobre francês comentava sobre o “prazer de voltar à  
alimentação da vida civilizada” (Eu, p.41-42, 45, 46, 55 e  
57).



- o consumo do mate (Wendroth) -



- o consumo do mate - detalhe/autorretrato (Wendroth) -

Outros costumes e particularidades dos gaúchos, foram destacados como *sui generis* pelo Conde D'Eu. Dentre eles, alguns eram apontados com censura, como o hábito de abandonar os cavalos mortos que, junto aos restos de bois utilizados na alimentação, enchiam “a atmosfera de exalações pestilentas”, as quais teriam chegado a originar casos de tifo. Também se referiu à fogaosidade militar da “cavalaria rio-grandense”, a qual “nem sempre brilhava pela disciplina”. Uma certa avareza dentre os rio-grandenses foi identificada pelo nobre francês, ao afirmar que o convite às refeições era “caso bastante raro”, pois, “muitas vezes nada se obtinha do morador, além do mate, nem sequer o pão”. Na constante busca de paisagens com elevações de terreno ou de exuberância vegetal, D'Eu não parecia se conformar com a “monotonia” da “natureza” gaúcha. Afirmando que lhe dava “sempre grande prazer a vista de uma bela vegetação”, ele narrava que professavam “os rio-grandenses opinião oposta”, de modo que se a um deles fosse elogiada “a beleza de algumas árvores que interrompem a monotonia de uma campina”, dizendo-lhes que “é ‘bonito mato’ ou ‘bonito capão’ (termo rio-grandense que significa bosque)”, se obteria por resposta: “isto é muito feio, mais para adiante é mais bonito, lá não tem mato nenhum, é tudo bonito, tudo capim, tudo chão”. Diante desta preferência, o autor conclui “*des gustibus non est disputandum*” (Eu, p. 84, 99, 112 e 131).

Gastão d'Orleans ainda denotava, com relação aos rio-grandenses, um certo “amor pátrio” à sua Província, levando em conta o apego regional, mormente com relação ao restante do país. Essa característica foi identificada pelo autor em um momento no qual ocorreu

uma troca de escolta, substituindo-se militares gaúchos por catarinenses, o que teria provocado significativas lamentações de autoridade locais, motivadas pela não manutenção de “*gente do país*” naquela função. Já em outra passagem, o Conde explicava que para o rio-grandense só havia “no mundo três denominações, três classes de habitantes: *rio-grandense*, ou ‘filho do país’; *castelhano*, ou hispano-americano; e *baiano*”. Segundo o narrador, “para o gaúcho rio-grandense, quer um homem tenha nascido à sua porta, na Província de Santa Catarina, que venha da Lapônia, é sempre *baiano*”. Complementava a ideia, afirmando que, se para o sul-rio-grandense, “o gaúcho castelhano é um rival odiado, ao menos considera-o seu igual, pois sempre é gaúcho”; uma vez que “o baiano é um ser inferior, porque não maneja bolas nem laço, não se tem por ‘centauro’ e não entende ser desonra andar a pé” (Eu, p. 36 e 69-70).



- uso do laço e das bolas (Wendroth) -

Assim, o relato da lavra do Conde D'Eu veio a constituir um típico representante da Literatura de Viagem, uma vez que "a viagem implicava também comunicar as experiências e as aventuras vividas", pois, "todos aqueles que viajavam tinham algo a dizer" e os registros dos viajantes "apresentaram aspectos dos costumes e das peculiaridades naturais do espaço físico" e, mormente, "de muitos aspectos que abrangem o viajar e os condicionantes que envolviam os deslocamentos". Em grande parte, "ao retornarem para as suas terras, alguns viajantes publicavam as suas anotações sobre a viagem e as terras" visitadas e, "cada um deles, com seu filtro e com os mais diversos interesses", veio a captar "momentos da vida e do processo de desenvolvimento dos locais que visitaram, tecendo comentários breves ou detalhados sobre o que viam e ouviam" (Assunção, p. 165).

Com o intento de divulgar sua viagem para os familiares, o nobre francês dava "conta do que viu e viveu (às vezes, muito ultrapassado pelo que se soube antes e depois da viagem)", de forma que "tal relato pressupõe como destinatário os que ficaram, que não fizeram essa viagem e que têm curiosidade relativamente à ela", fator "que se refletirá, naturalmente, na retórica discursiva". Além das razões políticas e militares, a viagem do Conde foi também "impulsionada pelo desejo de conhecimento e de aventura", em um quadro pelo qual "a escrita é sempre seletiva", pois "fala-se do 'notável', do 'memorável', do 'pitoresco', do diferente", ou seja, daquilo "que se destaca pela sua própria natureza, impondo-se ao observador e exigindo ser registrado" (Rita, p. 266 e 272).

Acostumado aos confortos inerentes aquilo que se denominava civilização europeia, Gastão D'Orleans visitou a mais meridional Província brasileira, com habitantes cujos usos e costumes diferiam daqueles praticados na Europa, gerando várias estranhezas de parte do visitante. Ele observava as comunidades visitadas, qualificando-as como “grandes” ou “pequenas”, “progressistas” ou “atrasadas” a partir dos padrões das cidades que conhecera no contexto europeu. Também chamaram atenção do viajante os hábitos alimentares e a indumentária dos gaúchos, díspares em relação àqueles com os quais até então convivera. A visão eurocêntrica marcante no relato do nobre francês não anula a sua relevância para o conhecimento da terra e da gente sulina e pode, inclusive, compreender o próprio objeto de estudo do pesquisador. Tal perspectiva é ainda mais relevante nesse caso, no qual as observações de *Viagem militar ao Rio Grande do Sul* contribuem para a desmitificação de pressupostos que se tornaram praticamente verdades absolutas no seio da historiografia oficial e dos meios tradicionalistas, como a cristalização da imagem do gaúcho solidário, bom anfitrião e extremamente apegado à sua montaria, que são plenamente desmentidas pelo cronista europeu. São essas apenas algumas apreciações que servem para valorizar esse “diário de viagem” - nas palavras do autor - como significativa contribuição para o conhecimento da formação sul-rio-grandense.

## Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. O Rio Grande do Sul à época da Guerra do Paraguai na visão de um nobre europeu. In: *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999, v. 11, p. 77-87.

ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Visões do Rio Grande: a cidade sob o prisma europeu no século XIX*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995.

ASSUNÇÃO, Paulo de. Literatura de viagem: experiência e comunicação de novas ideias. In: QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita & SANTOS, Isabel Dâmaso (orgs.). *Turistas, viajantes e lugares literários*. Faro: Universidade do Algarve 2016. p. 151-166.

BARRETO, Abeillard. Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul até 1900. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (5ª série).

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973.

BEZERRA, Carlos Eduardo. A literatura de viagens como heterotopia literária: corpo e gênero em experiências literárias e diálogos interdisciplinares. In: *Revista da ABRALIC*, v. 18, n. 29, p. 1-24, 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Conde D'Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina; Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2002. p. 13-52.

DOCCA, E.F. Sousa. Segunda parte. In: GAY, J.P. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 158-381.

EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde D'. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

FLEIUSS, Max. Segunda parte. In: EU, Conde D'. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981. p. 145-149.

GAY, João Pedro. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II (1825-1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977.

RIBEIRO, Roberto Carlos. Literatura de viagem e historiografia literária brasileira. In: *Letras & Letras*, Uberlândia 23 (1), p. 145-159, jan./jun. 2007.

RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] - em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007.

SILVA, Alfredo Maciel da. *Os generais do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

VERSEN, Max von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.



# A guerra na produção literária de Revocata Heloísa de Melo

Luciana Coutinho Gepiak\*

A guerra constituiu um fenômeno histórico que acompanhou a formação da humanidade desde as suas origens, o qual se avolumou nos séculos XIX e XX, época em que os conflitos bélicos atingiram níveis continentais e mundiais. A intelectualidade acompanhou essas guerras, transformando-as em objeto de abordagem em seus escritos. Em meio a tal produção literária estiveram também várias representantes da escrita feminina, que em geral buscaram demonstrar os prejuízos provocados pelo belicismo para a evolução da humanidade.

Dentre essas escritoras esteve a gaúcha Revocata Heloísa de Melo<sup>3</sup>, que nasceu em Porto Alegre em 1853,

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande.

<sup>3</sup> A respeito de Revocata Heloísa de Melo, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1902, v. 7, p. 128.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 285 e 313.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 564-565.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 464.; KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p.

vindo a morar na cidade do Rio Grande ainda em seus primeiros anos de vida, permanecendo em tal localidade até a sua morte, em 1944. Sua formação literária foi bastante estimulada pelo ambiente familiar, formado por intelectuais, professores e jornalistas. Teve uma carreira

---

173.; MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-riograndenses* (1834-1951). Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. p. 185.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 362.; MELO, Luís Correia de. Subsídios para um dicionário dos intelectuais riograndenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944. p. 111.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2. p. 168-170.; OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1967. p. 904.; SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.; e SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 477-478.; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. p. 43.; SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918. p. 72.; TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmann, 1956. p. 701-702.; VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-riograndense - autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991. p. 152-153.

bastante longa, que se estendeu desde os anos 1870 até os 1940.

Revocata foi professora, jornalista, poetisa, prosadora e teatróloga. Escreveu os livros *Folhas errantes* (1882) e, em coautoria com a irmã Julieta de Melo Monteiro, *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911). Atuou como colaboradora em diversos jornais rio-grandenses e brasileiros dos mais variados gêneros, apresentando composições textuais em prosa e verso.

Como intelectual engajada, Revocata de Melo teve uma atuação na defesa da extinção da escravatura, promovendo o ideário abolicionista e chegando a fundar um clube com tal fim. Também no campo social, atuou por meio de campanhas pela imprensa e em sua ação em sociedade beneficente voltadas a atender os carentes, principalmente as mulheres necessitadas e seus filhos. Em termos políticos, à época da República Velha, alinhou-se à oposição sul-rio-grandense, promovendo combates contra a ditadura castilhistaborgista que dominou o Rio Grande do Sul por décadas. Uma das mais importantes bandeiras promovidas pela escritora foi em prol da emancipação feminina, defendendo um novo papel social para as mulheres, que deveria ser obtido por meio da educação. Como editora, publicou um dos mais importantes representantes da imprensa feminina brasileira, o *Corimbo*, que circulou de 1883 a 1944.



- retrato de Revocata Heloísa de Melo (acervo da Biblioteca Rio-Grandense) -

A guerra foi um elemento bastante presente na obra de Revocata Heloísa de Melo e não é para menos. Por um lado, há mais de uma vez a presença do pensamento romântico e a valorização da Revolução Farroupilha, idealizada e valorizada como movimento que permeia a formação gaúcha, cunhando lendas, heróis e vilões que matizam muitos dos escritos sobre tal

época. Mas, por outro lado, bem longe de um confronto do passado, observado por um viés romantizado, houve umas tantas guerras, com as quais ela convive.

Quando criança e já na juventude, ela percebe os confrontos bélicos muito próximos de si. O Brasil entra na Guerra do Paraguai e se surpreende com a resistência dos adversários que sustentam o conflito por quase meia década. O Rio Grande do Sul chega a ser invadido pelos paraguaios e, além disso, há um receio histórico de uma invasão por parte da fronteira do Uruguai, colocando os gaúchos em alerta contínuo. Além disso, boa parte das tropas no front era formada por sul-rio-grandenses, gerando o receio pela perda das vidas e um retorno incerto que poderia deixar muitas famílias abandonadas.

Proclamada a República e tendo em vista o confronto entre as forças castilhistas e as oposições, o Rio Grande do Sul mergulha em uma feroz guerra, com ódios sanguinários que não se encerram com o conflito bélico. A Revolução Federalista coloca de um lado os positivistas castilhistas e de outro os liberais federalistas, que acabam por se aliar com os insurretos da Revolta da Armada, que se rebelam no Rio de Janeiro e depois se deslocam para o sul. Os governos de Júlio de Castilhos e Floriano Peixoto não poupam o uso da força para vencer os revolucionários.

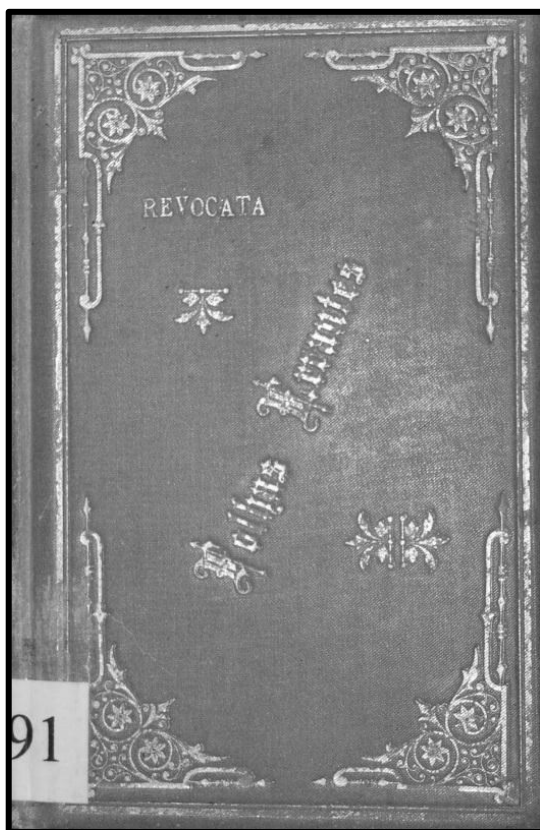
Terminada a guerra, os ódios não cessam no Rio Grande do Sul e se arrastam até a deflagração de uma nova guerra civil em 1923. Neste meio tempo, os conflitos entre os governistas castilhistas e os oposicionistas federalistas persistem. Em meio a tais conflitos, Revocata vê o irmão Romeu, partidário dos federalistas, ser perseguido, aprisionado e finalmente morto. Tal motivo só dá maiores certezas à escritora em

relação a seu viés de teor liberal, aproximando-a decisivamente da causa federalista e colocando-a na resistência ao castilhismo. Ela chega a se manifestar abertamente em nome da causa oposicionista e vem até mesmo a integrar o Clube Gaspar Martins, frente formada no Rio Grande para abrigar os federalistas. Além disso, ela não se conforma em viver sob a égide do autoritarismo castilhista-borgista, batendo-se em nome da liberdade de expressão.

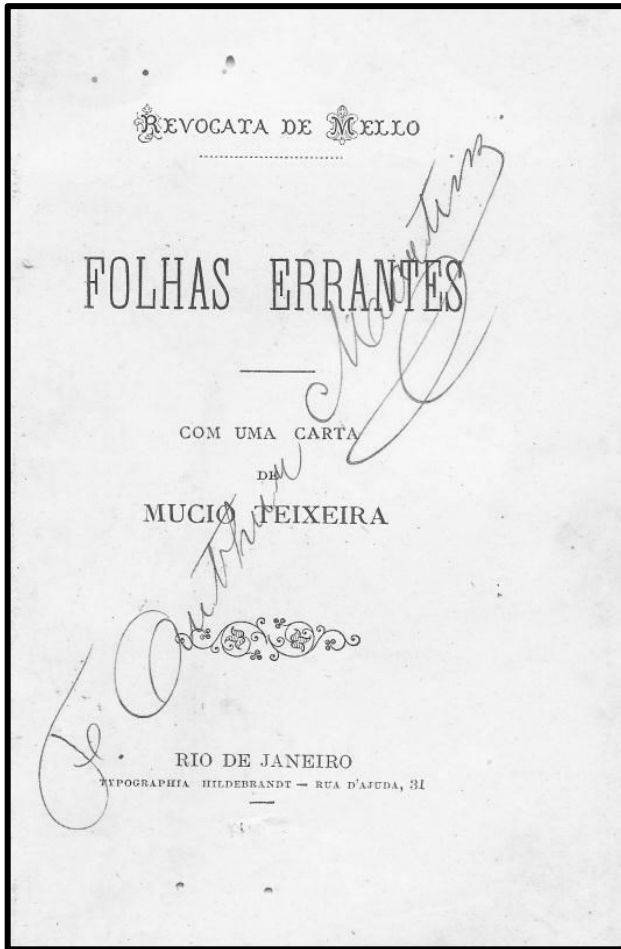
Passada a agitação inicial, a República se consolida em meio a um sistema de poder controlado pelas oligarquias estaduais, com o predomínio da paulista e da mineira. A estabilidade política traz a econômica e o Brasil se afirma como exportador de café. Desde então, Revocata vem a conviver com algumas das principais transformações ocorridas no Brasil, como a crise dos anos 1920, a Revolução de 1930, a ascensão do gaúcho Getúlio Vargas ao poder e a instalação do Estado Novo. Em termos internacionais, ela observa a conflagração bélica em escala global, com a I e a II Guerra Mundial. Nos seus últimos dias ela coexiste com o autoritarismo da ditadura estado-novista e com as agruras do maior confronto bélico até então visto.

No livro *Folhas errantes*, lançado por Revocata Heloísa de Melo em 1882, por meio de contos e crônicas, é apresentada uma variada gama de temáticas, algumas das quais viriam a acompanhar toda a sua carreira. Os temas, por vezes, refletem algumas das vivências da própria autora, ao mesmo tempo em que trazem em si alguns das características do próprio pensamento romântico, que também deixa marcas em sua obra. Nesse sentido, aparecem como assuntos preferenciais em *Folhas errantes* a morte, a guerra, as interfaces entre o

ambiente e a natureza na criação literária, as manifestações artísticas, além de questões comportamentais. A matéria mais recorrente no livro são as relações homem - mulher, notadamente questões como os encontros e desencontros amorosos, as profundas paixões e as grandes tragédias envoltas em tal temática.



- capa do livro *Folhas errantes* (acervo da Biblioteca Rio-Grandense) -



- folha de rosto do livro *Folhas errantes* (acervo da Biblioteca Rio-Grandense) -

Em seu primeiro livro, abordou a morte e trouxe reflexões sobre os nefastos resultados da guerra. Foi o caso de texto em que Revocata tratou dos danos da guerra, tão marcantes nas vidas dos sul-rio-grandenses,

em conto intitulado “A partida do soldado” no qual a escritora reflete sobre as sequelas dos tantos confrontos bélicos nos quais o Brasil envolvera-se. No caso, a referência mais evidente é à Guerra do Paraguai, com a qual a autora convivera na passagem da infância à adolescência. O ambiente de guerra é apresentado detalhadamente, com a descrição de que “ao longe, na praça rufavam os tambores, os clarins chamavam à partida e os filhos de Marte corriam a seus postos”. E a narrativa prossegue, abordando um outro lado da guerra, mais voltado aos sentimentos e descendo às minúcias: “à voz da guerra marchavam, abandonando os afagos do lar, os carinhos das mães e esposas, os doces sorrisos das louras criancinhas”, além dos “infinitos poemas que se geram no âmago secreto de muitos corações” e “lá seguiam, coroados de novas esperanças, palpitações de ardor marcial”. Voltando ao cenário bélico, Revocata destaca que tremulava “altaneiro o pavilhão nacional, cintilavam as espadas e as baionetas, enquanto a voz de mando ecoava pelos ares”<sup>4</sup>.

Em contraste com a cena de guerra, a escritora rio-grandina refere-se às “lágrimas de desolação” presentes numa “humilde casinha que se desenha à beira da estrada”. Tal lugar é identificado com as plagas gaúchas, pois na “pitoresca vivenda à tardinha passam as embalsamadas brisas do sul”, e nela se ouve “o melancólico canto do tropeiro rompendo o silêncio da madrugada”. A mudança promovida pela guerra torna-se o fulcro da atenção da autora ao destacar que ali “parece ter passado um gênio de destruição”, pois “o

---

<sup>4</sup> MELO, Revocata Heloísa de. *Folhas errantes*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1882. p. 57-58.

sítio acha-se enlutado, a dor e o desespero substituíram o moço que alegrava essas paragens”. Revocata descreve que ele partira para a guerra, “e agora, assentada ao portal, chora a velha mãe”, que interroga sobre o destino do “filho estremecido”, perguntando “onde foi seu arrimo”. Na mesma linha, “a irmãzinha, com os olhos úmidos de amargurado pranto, acena-lhe um triste adeus”. Com tal texto, a autora incidia sobre um dos temas recorrentes de sua obra, as perdas levadas a efeito a partir dos confrontos bélicos, que tantos homens ceifaram das casas sul-rio-grandenses<sup>5</sup>.

As melancolias das relações sentimentais marcam, ao lado de outros condicionantes como a morte e a guerra, o conto intitulado “O solitário do mirante”, que encerra *Folhas errantes*. Após a descrição do ambiente no qual se passa a narrativa, a protagonista/narradora relata sua “ardente simpatia” por “um moço de luto” que habitava “o mirante de uma casa que ficava à margem fronteira” daquela para a qual ele se mudara recentemente. O rapaz é descrito como portador de uma “fisionomia, mais que triste, sombria”, de uma “extrema palidez”, com “os olhos mórbidos, pisados e com as pálpebras roxeadas” e “um imperceptível sorriso irônico”, parecendo estar “envolto em profunda tristeza”. A autora outra vez lança mão da imagem shakespeariana, informando que aquela “sombria figura fazia lembrar Hamlet”<sup>6</sup>.

A protagonista explica que tentara obter mais informações sobre o vizinho, mas não conseguindo descobrir o seu nome, pois era conhecido apenas como

---

<sup>5</sup> MELO, 1882, p. 58-59.

<sup>6</sup> MELO, 1882, p. 90-92.

“*Solitário do mirante*”. Mais um difícil amor se anuncia no texto, quando a protagonista diz ter conhecido Graziela, vizinha que lhe contou sobre “o amor que nutria pelo belo solitário”, de modo que esta moça tinha “um viver árido e desalentado”, estando infeliz por não receber “sequer um olhar, ou um sorriso, em troca de tanto amor”. A trama prossegue até que Graziela resolve contar “a história do belo desconhecido”, revelando que “aquele moço chama-se Mário” e de sua infância soubera apenas que ele perdera sua mãe aos cinco anos, passando a contar com os cuidados do “pai, terno e solícito”, que velou pelo jovem<sup>7</sup>.

A tristeza de Mário começa a ser explicada pelo fato de, além de ter perdido a mãe, também fica órfão de pai, pois seu progenitor, “como dever de militar, teve de deixar o filho querido para combater pela pátria” na Guerra contra o Paraguai. As tragédias familiares trazidas pelas guerras, um dos temas que conta com predileção nos textos de Revocata, mais uma vez se verificam, pois na “Batalha de 24 de Maio, esse bravo terminou sua existência”, anunciado a morte do pai de Mário na Batalha Naval do Tuiuti, uma das mais importantes do conflito contra os paraguaios. O rapaz passa aos cuidados de um padrinho que o “mandou estudar na academia de São Paulo”, na qual se entregou “com ardor a seus estudos”, sem tempo para divertimentos ou distrações<sup>8</sup>.

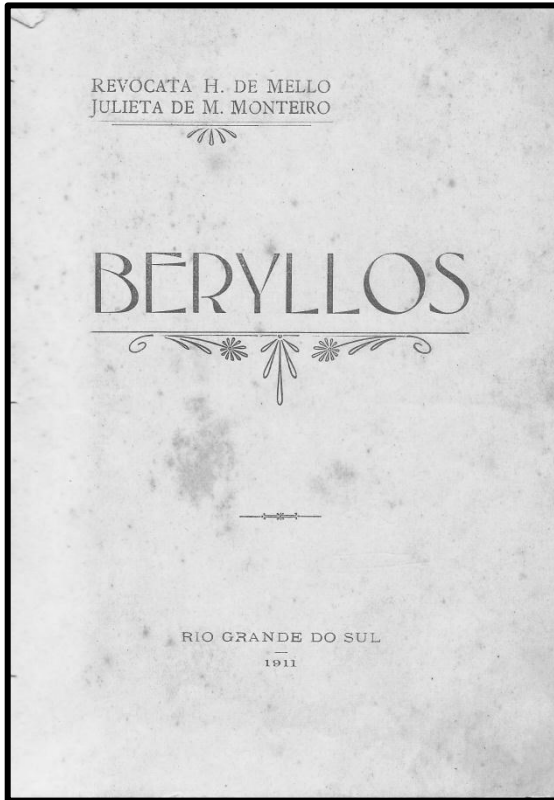
Outro livro publicado por Revocata de Melo foi fruto da sua parceria com a irmã Julieta de Melo Monteiro, vindo ambas a escrever *Berilos*, em 1911, cada

---

<sup>7</sup> MELO, 1882, p. 92-94.

<sup>8</sup> MELO, 1882, p. 94-95.

uma delas responsável por uma das partes em que era dividida a publicação. Os temas apresentados em *Berilos* foram também diversificados e, dentre eles, a morte e a guerra foram abordagens recorrentes.



- folha de rosto do livro *Berilos* (acervo da Biblioteca Rio-Grandense) -

Em *Berilos*, a figura feminina e o heroísmo ficam articulados no conto intitulado "O retrato". A protagonista é Rosa, moça "criada na roça, filha de pais

rústicos e vivendo unicamente para o labor material”. Tais condições de vida tiram de Rosa todas as possibilidades de estudo ou urbanidade, de modo que ela “nem sabia ler”. Apesar disso, a autora traça um outro olhar sobre Rosa, definindo que, “em compensação” à falta de formação, ela era “de uma natureza totalmente poética”, ou seja, mesmo que despreparada para as luzes do conhecimento, seus “grandes olhos, divinamente pensativos, buscavam de preferência as telas da natureza, tocadas pelos reflexos violáceos da tristeza”. Ainda que “os mais guapos rapazes da vila” pretendessem conquistar o coração de Rosa, ela permanece fechada às investidas, uma vez que preferia se dedicar a um “amor ideal”, que destinava a um retrato colocado à cabeceira de seu leito<sup>9</sup>.

Em seguida, Revocata passa a descrever as circunstâncias pelas quais aquele retrato chegara às mãos de Rosa. O contexto narrado pela autora é identificado plenamente com as revoltas que marcaram as origens da República no Brasil, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. A narrativa remete à presença de um viajante que pernoitara na casa dos pais da protagonista, vindo da guerra e destinando-se à capital, “em honrosa comissão militar”. Em referência à rebelião da Armada, a autora descreve que aquela visita se dera bem na ocasião em que “fracassara na baía do Rio de Janeiro a importante Revolta de 6 de Setembro, que tantos rasgos de heroísmo alcançou da intemerata

---

<sup>9</sup> MELO, Revocata Heloísa de. Primeiro livro. In: MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [ s. n. ], 1911. p. 75-77.

marinha brasileira". O viajante saía apressado, esquecendo-se de um retrato, o qual se torna objeto da paixão de Rosa, admirando a imagem do homem, sem saber ler o seu nome estampado abaixo da fotografia. O fim do conto era trágico, com a morte de Rosa aos dezessete anos, "vitimada por cruenta febre", bem de acordo com os tantos focos epidêmicos que assolavam o Brasil e o Rio Grande do Sul naquela virada do século XIX para o XX. O retrato que marcava a história de amor acaba por ser encontrado e identificado como de Saldanha da Gama, denominado de "imortal brasileiro". Dois pensamentos ficam expressos na narrativa, ou seja, a impossibilidade da mulher identificar o alvo de seu amor, por não saber ler – relembrando a questão da relevância da educação feminina –, e o enaltecimento da autora para com um dos principais personagens da Revolta da Armada e que viria a ingressar também na Revolução Federalista, lutando contra os governos autoritários de então, buscando elevar o militar Saldanha da Gama à condição de herói nacional<sup>10</sup>.

A guerra com a qual a autora convive tão proximamente foi outro tema inserido na parte inicial de *Berilos*. Nesta linha, "A despedida" descreve um quadro de guerra. A história trata de Gilberto, um militar condenado ao fuzilamento, que tem a última chance de visitar sua filha, antes da morte anunciada. Há fortes indícios de tratar-se da guerra federalista, encerrada alguns anos antes e que foi evidenciada pela violência. Gilberto poderia ser um prisioneiro, um traidor ou um desertor, cujo destino estava marcado. Disfarçado, ele

---

<sup>10</sup> MELO. 1911. p. 77-79.

consegue chegar até a vila em que morava e encontra sua Mimi dormindo, vindo a abraçar-lhe e aproveitando os últimos instantes em sua presença, tomando o cuidado para não lhe acordar, evitando revelar seu triste destino, que se confirmaria, caindo fuzilado na manhã seguinte. Revocata revela nesse conto a realidade tão presente nas vivências sulinas, marcadas por guerras que ceivavam maridos e pais de família e, como ela mesma destaca, Mimi estaria abandonada aos infortúnios da orfandade: “E ficaria no mundo aquele anjo, sem os seus carinhos, entregue quem sabe a ingrato destino”<sup>11</sup>.

As sequelas dos conflitos bélicos estão mais uma vez presentes nos escritos de Revocata no conto “A volta do filho”, que retrata o retorno de um “garboso militar que fazia o encanto das moças da vila e a inveja dos rapazes de todos aqueles arredores”, mas que, “vítima da guerra” voltara como “um infeliz inválido”, com os braços “arrebataados por uma bombarda inimiga”. A autora descreve que o rapaz atuara sob a força “sublime de heroísmo e amor pátrio”, indicando que ele lutara num dos tantos enfrentamentos bélicos que o Brasil realizou contra os vizinhos platinos e nos quais a participação dos soldados gaúchos foi fundamental. O jovem mutilado é recebido por sua mãe, uma “pobre velhinha” que havia “suportado por longos meses as agruras da saudade e as tempestades desabridas da pobreza”. O destino da personagem, chamado Álvaro, junto de sua mãe é caracterizado como tétrico, tendo em vista o inverno “hórrido e impiedoso” que se

---

<sup>11</sup> MELO. 1911. p. 9-14.

aproximava, de modo que “a miséria os esperava com as fauces escancaradas, medonhas”. Por meio de seu conto, Revocata de Melo evidencia mais uma vez os horrores da guerra, que tanto ceifara muitos de seus conterrâneos, deixando abandonadas à própria sorte inúmeras famílias<sup>12</sup>.

As agruras da guerra voltam a ser retratadas por Revocata Heloísa de Melo no conto “Uma cena de campanha”, na qual é descrita a morte por fuzilamento de “um pobre rapaz de vinte anos, infeliz soldado a quem coubera a sorte de ser passado pelas armas”, por ter cometido a terceira deserção. A autora descreve a “campo onde dormia o sono eterno uma desventurada criança”, sem deixar de apontar a causa que o levava a cometer aquele crime militar. Ele abandonara o posto por três vezes, movido “pelo grande amor de filho”, para ir visitar “a mãe pobre e enferma”, deixando de lado até “a rigorosa disciplina militar, o amor da pátria e a voz ríspida do capitão”. A nobreza do moço fica retratada em seu último ato, ao pedir a um sargento que leve as moedas de seu último soldo para sua “velha mãe”. O recorrente tema dos enfrentamentos bélicos tão comuns à formação gaúcha voltava à pauta nos escritos de Revocata, sem deixar de demarcar a injustiça da guerra que ceifava os filhos às suas famílias<sup>13</sup>.

Em suas colaborações na imprensa periódica brasileira, Revocata de Melo também tratou da temática bélica. Foi o caso do jornal *Falange*, do Rio de Janeiro, no qual ela publicou o soneto “A um guerreiro”,

---

<sup>12</sup> MELO. 1911. p. 27-29.

<sup>13</sup> MELO. 1911. p. 51-53.

constituindo uma homenagem aos militares que participaram das tantas guerras, nas quais o Império se envolvera, inclusive a do Paraguai, trazendo um fundo patriótico, ao buscar mostrar às gerações futuras “as glórias da pátria ardente”.

Quisera ver-te ao sibilar das balas,  
Dentre as falanges em subido ardor,  
Bravo e potente aparecer nas alas,  
Brandindo a espada em marcial calor.

Ver-te altaneiro, na avançada à frente,  
Rompendo o fogo de canhão voraz,  
Cabelo esparsa, descoberta a fronte  
Sob um chuveiro de metralha audaz:

Depois olhando os pelotões inimigos,  
Rir da bombarda, desprezar perigos,  
Destro na luta sanguinária, atroz,

Belo, marchando a procurar vitórias,  
Expondo a vida, a mocidade, as glórias;  
Da pátria ardente à poderosa voz.<sup>14</sup>

Nas páginas do sul-rio-grandense *Almanaque Popular Brasileiro* ao final do século XIX, Revocata publica outro poema, com título parecido, “Um guerreiro”, no qual aborda a temática recorrente em sua obra e mesmo que não fizesse referência direta à guerra civil, era uma alusão à Revolução Federalista, que terminara recentemente. No soneto, idealiza o

---

<sup>14</sup> FALANGE, Rio de Janeiro, 30 abr. 1883, a. 2, n. 1, p. 1, 4.

“guerreiro” que, em nome da pátria, enfrenta todos os perigos de uma “luta sanguinária”. Poderia ser um dos tantos rebeldes que lutaram contra o autoritarismo de Júlio de Castilhos e Floriano Peixoto:

Quisera ver-te ao sibilar das balas,  
Dentre as falanges em subido ardor,  
Bravo e potente parecer nas alas,  
Brandindo a espada em marcial calor!

Ver-te altaneiro na avançada à frente,  
Rompendo o fogo de canhão voraz,  
Cabelo esparsa, descoberta a fronte,  
Sob um chuveiro de metralha audaz;

Depois, olhando os pelotões imigos,  
Rir da Bombarda, desprezar perigos,  
Destro na luta sanguinária, atroz;

Belo, marchando a procurar vitórias,  
Expondo a vida, a mocidade, as glórias,  
Da pátria ardente à poderosa voz.<sup>15</sup>

A presença intelectual de Revocata também ocorreu na revista mineira *A Pérola*, por meio da publicação do soneto intitulado “Aos gaúchos rio-grandenses”, em alusão ao que considera como “verdadeiros gaúchos”, ou seja, os federalistas. Em uma época na qual a guerra civil ainda não havia terminado, ela conclama estes rio-grandenses “às armas”, levando

---

<sup>15</sup> ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1898, Pelotas, 1897, p. 170.

“a heroica bandeira do nosso torrão” e que, com seu “sangue guerreiro, haveis de vencer”<sup>16</sup>.

Já na publicação cultural gaúcha *Tudo*, seguindo a meta de enaltecimento da Revolução de 1835, a escritora afirma que naquela época ocorreria “um incontestável explodir de sentimentos generosos, de pronunciamentos de caráter, de altivez inconfundível, fazendo da guerra farroupilha, a verdadeira revolta popular”. Ela considera que os “antepassados de 35” foram “de uma coragem única, de um assombro indomável”, pois aqueles “centauros da liberdade” sacrificaram “tudo pela liberdade do torrão natal” e “foram sublimes nessa abnegação sem exemplos”. Neste sentido, a escritora, como veneradora “dessas tradições heroicas”, manifesta seu orgulho de haver “nascido de tão poderosos troncos”<sup>17</sup>.

Grande parte da carreira de Revocata de Melo foi dedicada à edição e redação do periódico *Corimbo*, pertencente ao gênero literário e voltado ao público feminino, além de ter aberto espaço para a publicação de textos de uma infinidade de mulheres. Com uma circulação duradoura, desde a primeira metade da década de 1880 até meados da de 1940, o *Corimbo* passou por diversas fases e formatos, sendo os dois principais o de revista e o de jornal.

---

<sup>16</sup> A PÉROLA, Oliveira, 25 mar. 1895, a. 1, n. 4, p. 2.

<sup>17</sup> TUDO, Rio Grande, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 4



- Corimbo no formato revista (acervo da Biblioteca Rio-Grandense) -

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS LITERÁRIOS E HISTÓRICOS

# CORIMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACTORA E PROPRIETARIA — REVOCATA H. DE MELLO

ANNO V RIO GRANDE DO SUL, 15 DE SETEMBRO DE 1889 N. 1

---

**Assinaturas:**

Nesta cidade — por mez . . . 1\$000

Para fóra — trimestre . . . 3\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

## ANNIVERSARIO

Fez hontem sete annos que vimos apagar-se para sempre a preciosa existencia de nossa idolatrada e veneranda mãe.

Sete annos que perdemos esse bom anjo, a quem devemos tudo quanto de virtuoso e util tenhamos praticado.

O que foi, o que valia essa adorada creatura, sabem-o todos aquelles que tiveram occasião de conhece-la de perto o grande e generoso coração.

Quanto a seus dotes intellectuaes e o seu desespejo, no seio d'aquelles que julgavam-se verdadeiramente felizes!

Quantas vezes uma noticia derrubou os nossos castellos, todos os nossos sonhos e todas as nossas esperanças, lançando-nos a' um lago, profundissimo de desespejo!

Uma vez, quando a noticia chegou, não houve alteração alguma em nosso viver; na véspera delimitamos pensando, pensando em que? Talvez em algum que amamos e de quem vivemos ausente ha já longo tempo, o vapor é esperando a manhã, dissemos commosso, devo invariavelmente ter uma carta; oh uma carta de quem se ama, que verdadeira felicidade!

Amnhice, as horas correm lentamente; espera-se, até que afinal alguma vem timpanos de incertez; mas oh infidelidade, a carta tão ansiosamente esperada é portadora de uma doleosa nova: o ente querido está enfermo.

Eis em um momento o nosso dia feliz, transformado completamente; e lá se despena por uma noticia!

---

## CORIMBO

Com a sua primitiva forma reaparece hoje o Corimbo, depois de uma longa ausencia.

Deixando de ser publicado como revista mensal, torna a sua existencia de folha semanaria, atendendo aos desjos de muitos de seus leitores a quem delecta e agrada apoz os seis dias destinados á fama quotidiana, no domingo pela manhã buscar leitura nas paginas de um periódico onde não existam apenas politicas, onde sejam desconhecidas as questões passagens, as modais, os editicos, as posturas da Camara Municipal, as sociedades livres, e muitos outros assumptos de interesse proprio, vulgares á imprensa diaria, pueris, seriamente abominaveis e ainda recreativos.

O CORIMBO procurará manter-se naquella mesma esfera de escolhida collaboração com que desde o começo de sua existencia buscou corresponder ao fidalgão acolhimento do sympathico e generoso publico rio-grandense; e embora pygmaeo na grande arena jornalística, não descurará uma ou outra vez a ventar a sua humilissima opinião sobre assumpto transcendente na actualidade, logo que para isso não tenha maior espaço ás secções litteraria e noticiosa, cujas formam o seu principal objectivo.

Com subita honra comprimenta nos illustros collegas que tanto concorrem para o brilhantismo e criterio da imprensa local, e pede que o recebam com a benevolencia de sempre.

Espera dos dedicados cultores das letras algumas das rozas de sua fecunda intelligencia, para poder ganhar o applauso dos espiritos cultos, e deixar perfumada as protectoras mãos das Exmas. Sras. e distinctos cavalheiros de quem mereceu e espera continuar a merecer o devido e franco acolhimento; assim como d'aquelles de quem humildemente vem hoje pela primeira vez solicitar abrigo.

A REDACÇÃO.

## RESPECT

(ARMAND SILVESTRE)

### Verão

Dê-te-me os lábios teus... a fronte, eu fui beijar-te,  
Surpresa p'nter, enverda nos reschos,  
Não sabendo d'um preto o fito p'ra machar-te,  
Dê-te a fronte a beijar quando eu busquei teos lábios.

Que, o saibas depois o quanto eu hei soffrido...  
Que d'anciedade eu sinto em reharer o teu  
Ao pobre coração, que tanta magoa ha sido  
Por ter de amar fraterno a siva esposa almei!

E' que'n desconhecia a talma delicia  
De sorver de teu corpo o adoma immaculado  
Do lacteo que adorna o laio teu nevado...

---

Corimbo

## UMA NOTICIA

IONEZ SABINO PINHO MATA.

Rio de Janeiro 89.

Parece uma coisa tão simples uma noticia, não é verdade? E no entanto quantas vezes vem elle derramar a dor e o desespejo, no seio d'aquelles que julgavam-se verdadeiramente felizes!

Quantas vezes uma noticia derrubou os nossos castellos, todos os nossos sonhos e todas as nossas esperanças, lançando-nos a' um lago, profundissimo de desespejo!

Uma vez, quando a noticia chegou, não houve alteração alguma em nosso viver; na véspera delimitamos pensando, pensando em que? Talvez em algum que amamos e de quem vivemos ausente ha já longo tempo, o vapor é esperando a manhã, dissemos commosso, devo invariavelmente ter uma carta; oh uma carta de quem se ama, que verdadeira felicidade!

Amnhice, as horas correm lentamente; espera-se, até que afinal alguma vem timpanos de incertez; mas oh infidelidade, a carta tão ansiosamente esperada é portadora de uma doleosa nova: o ente querido está enfermo.

Eis em um momento o nosso dia feliz, transformado completamente; e lá se despena por uma noticia!

- Corimbo no formato jornal (acervo da Biblioteca Rio-Grandense) -

Além das funções administrativas executadas por décadas junto ao *Corimbo*, nas páginas do periódico *Revocata* de Melo também publicou uma enorme quantidade de textos, abordando temáticas diversificadas, dentre elas a guerra. Foi o caso do soneto “Ao século XIX”, o qual constitui uma homenagem a esse período que se encerrava, sendo chamada a atenção para algumas das conquistas do “século das luzes”, mas sem deixar de observá-lo a partir de uma visão crítica, principalmente por causa da grande quantidade de guerras ocorridas durante a sua vigência:

Tu, que embalaste Hugo do berço à sepultura,  
E viste de Caprera o herói nunca vencido,  
Que olhaste Bonaparte, a imagem da bravura,  
Ao pedestal da História entre laureis erguido!

Tu, que o voo da arte altivo, embevecido,  
Fitaste a distender-se em vasta e suma altura,  
Que viste da ciência o magno fluído,  
Da conquista presente e perfeição futura;

Tu, que foste chamado o século das luzes,  
Como descambas hoje entre funéreas cruzes  
Ao som da guerra atroz, da luta sem igual!...

Como expiras na treva oh século dezenove!  
Legando esse painel que o tempo não dissolve,  
Onde geme e soluça a voz universal!<sup>18</sup>

Muitos assuntos cotidianos, alguns deles que agitavam o mundo, também aparecem nas crônicas

---

<sup>18</sup> CORIMBO, Rio Grande, 4 out. 1905, a. 22, n. 236, p. 4.

elaboradas pela redatora do *Corimbo*, e um deles foi a I Guerra Mundial. Já acostumada a conviver com os conflitos bélicos que estiveram próximos de suas vivências, Revocata não deixa de lamentar, afirmando que “parece que um furacão de morte percorre a Europa, e arrasta em sua louca vertigem ódios, represálias, vinganças”, de modo que “a dor abriu as suas asas tenebrosas sobre aquelas paragens”, transformando “a vida ativa, próspera, feliz, de tantos povos que caminhavam resolutos, banhados em luz, para uma desoladora atmosfera de sangue”. E complementa o pensamento, ao dizer que “uma conflagração aterrorizadora repercute mar afora, e chega a todos os corações, desdobrando aos olhos do espírito, os cruciantes painéis da guerra, a desesperadora cena de matança, chegando aos ásperos recursos da crueldade”<sup>19</sup>.

Mais tarde, tendo em vista esta conjuntura bélica, a redatora ressalta os desoladores “ecos que nos chegam dos países beligerantes”, vestindo “a cor da tormenta” e mostrando “o convulsionamento que traz em seu bojo a crise dos desesperos”<sup>20</sup>. Os temores de Revocata aumentam com a notícia da entrada do Brasil no conflito, manifestando que era “com sincero pesar que vimos aparecer entre as notas sensacionais destes últimos dias, aquela que comunica a declaração de guerra do nosso amado Brasil ao Império da Alemanha”. Para ela, “a ideia de luta armada é sempre vivamente impressionável”, não podendo “deixar de trazer ao espírito e à alma os dramas de sangue e as tempestades

---

<sup>19</sup> CORIMBO, Rio Grande, 31 ago. 1914, nova fase, n. 20, p. 1.

<sup>20</sup> CORIMBO, Rio Grande, 15 jan. 1916, nova fase, n. 53, p. 1.

de dor”<sup>21</sup>. A visão temerosa da escritora acerca dessa conjuntura permanece, observando “pesados horizontes” pela frente, pois encontravam-se “o Velho e o Novo Mundo invadidos pela mais desoladora das catástrofes – a guerra, esse sorvedouro de todos os risos, de todas as aventuras, de todas as alvoradas da vida”. Possui uma perspectiva profundamente pessimista, ao prever que o mundo “vai caminhar às cegas, porque tudo são sombras, tudo é luto e dor”, de modo que quem olhasse “por aí além, e pelo grande mapa mundial, não encontra frisos de luz”, parecendo que “tudo rola para o abismo, tudo se desmorona, tudo se convulsiona numa ânsia de sangue”<sup>22</sup>.

Com o encaminhamento do final do conflito mundial, Revocata de Melo se mostra mais tranquila, imaginando um novo ambiente, “com promessas de uma era de aliança, de fraternidade, de reconstrução, de trabalho e de vida nova”. Demonstra crença na mudança, ao dizer que “passaram para os povos essas tempestades, essas lufadas de dor, de desespero, que lhes trouxeram a guerra europeia e a impiedosa epidemia”<sup>23</sup>. O sentimento de alívio ficava marcado pela afirmação de que, “enfim, silenciou o bramir dos brônzeos arautos da luta armada, a lançarem rios de sangue pela Europa inteira”, pois “o canhão, monstro da guerra” fora “amordaçado pelos hinos da paz”. Havia a indicação de que “pelo mundo inteiro se levanta um frêmito de alegria, um indizível palpar de esperanças, de crenças, um alvoroço de felicidade pelos que voltam

---

<sup>21</sup> CORIMBO, Rio Grande, 30 out. 1917, nova fase, n, 95, p. 3.

<sup>22</sup> CORIMBO, Rio Grande, 15 jan. 1918, nova fase, n, 100, p. 1.

<sup>23</sup> CORIMBO, Rio Grande, 15 jan. 1919, nova fase, n. 122, p. 1.

ao lar querido”, bem como “um poema de saudade e de lágrimas, pelos que ficaram nos braços da morte”. A folha prega que todos fossem “um só coração”, entrelaçando-se “todas as bandeiras”, de modo que vibrassem “todos os hinos que simbolizam pátrias, que dizem a voz dos povos” e conclui argumentando que a palavra paz era “tão eloquente e sublime, que é sempre agradecida, com as mãos unidas e os olhos no infinito”<sup>24</sup>.

Um dos temas recorrentes da escritora, as desgraças da guerra, foi apresentado também nas páginas do *Corimbo*, com “A volta”, que descrevia a ansiedade de uma mulher para receber o seu amado que retornava. Após expor a angustiada espera e a alegria da chegada, a autora revela que se tratava de um soldado que voltava de “uma guerra de quatro anos, uma luta de sangue, peito a peito com todos os horrores da peleja mais encarniçada”. O regresso servia para “encher de vida o coração da moça”, mas o homem deixara nos campos de batalha “toda aquela elegância que tanto a cativara e que o tornava o mais belo ao lado de seus companheiros”. O desfecho trazia a desventura na conclusão, pois o rapaz tornara-se “um inválido, que conhecendo a sua enorme desgraça, a fizera até então ocultar daquela por quem dera mocidade, glória e vida, para vê-la sorrir feliz”<sup>25</sup>.

A guerra com a qual Revocata convive tão proximamente foi mais uma vez abordada no conto “A despedida”, que descreve um episódio em meio a um quadro bélico. A história tratava de Gilberto, um militar condenado ao fuzilamento, que tem a última chance de

---

<sup>24</sup> CORIMBO, Rio Grande, 14 jul. 1919, nova fase, n. 134, p. 1.

<sup>25</sup> CORIMBO, Rio Grande, 4 out. 1891, a. 7, n. 50, p. 1.

visitar sua filha, antes da morte anunciada. Há fortes indícios de tratar-se da guerra federalista, encerrada alguns anos antes e que foi evidenciada pela violência. Gilberto poderia ser um prisioneiro, um traidor ou um desertor, cujo destino estava marcado. Disfarçado, ele consegue chegar até a vila em que morava e encontra sua Mimi dormindo, vindo a abraçar-lhe e aproveitando os últimos instantes em sua presença, tomando o cuidado para não lhe acordar, evitando revelar sua tristeza, que se confirmaria, caindo fuzilado na manhã seguinte. Revocata revela nesse texto a realidade tão presente nas vivências sulinas, marcadas por guerras que levavam maridos e pais de família e, como ela mesma revela, Mimi estaria abandonada aos infortúnios da orfandade: “E ficaria no mundo aquele anjo, sem os seus carinhos, entregue quem sabe a ingrato destino”<sup>26</sup>.

Dessa maneira, a longeva carreira de Revocata Heloísa de Melo foi acompanhada pela abordagem de assuntos os mais diversos, mas a perspectiva da guerra foi bastante recorrente, acompanhando as reflexões sobre suas vivências ao longo da maior parte da sua existência. Algumas vezes a autora observa os conflitos bélicos como demonstração de heroísmo e patriotismo, notadamente quando aborda aqueles mais antigos, vinculados à época imperial, ao passo que, em outras, na maioria das vezes, vê as guerras como uma demonstração de rompimento com os princípios humanitários e como um dos maiores malefícios para as sociedades. Para ela a guerra era um ato extremado que deveria ser abolido por constituir uma antítese em

---

<sup>26</sup> CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1900, a. 17, n. 137, p. 2.

GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS  
LITERÁRIOS E HISTÓRICOS

relação a um mundo que era considerado como  
civilizado.



# A Guerra do Paraguai nas crônicas de um maragato: brevíssimo estudo de caso<sup>27</sup>

Marcelo França de Oliveira\*

Os campos da História e da Literatura, ao longo do tempo, têm se cruzado de forma bastante fértil e produtiva. Ambas, filhas do seu próprio tempo, contexto e especificidades de criação, são o retrato de uma sociedade que as produziu: homens e mulheres que contaram em verso e prosa, ficção ou (pretensão de) verdade, a percepção do mundo que os rodeava. Nas mãos de escritores, a História pode servir de plano de fundo, mote, ou, até mesmo, protagonista para seus universos de imaginação ilimitada. Nas mãos de historiadores, a Literatura ganha contornos de testemunho de seu tempo, simultaneamente produto e produtor de conhecimento, seja analisando a obra em si, seja analisando sua estrutura e os diálogos possíveis com o seu *locus*. Isoladamente, cada uma habita uma totalidade de manifestações do espírito humano. Quando se encontram, produzem algo novo, e, no caso

---

<sup>27</sup> Este capítulo é uma versão revista e sintética de Oliveira (2018).

\* Doutor em História (UFPel); Doutor em História da Literatura (FURG).

da História, uma abundante fonte de ampliar o conhecimento histórico.

Assim, dentre as várias formas que a humanidade criou para representar os seus tempos, a Literatura ocupa um lugar privilegiado. E, dentro da área, a crônica talvez seja a forma mais sintética e sintomática dessa representação. Nascida ao “rés-do-chão” dos jornais, na clássica expressão utilizada por Antonio Candido (1992), rapidamente se instalou no Brasil e se espalhou pela imprensa. Originária do francês *rez-de-chaussée*, fazia alusão ao rodapé dos jornais franceses no século XIX, em geral na primeira página. Segundo Dileta Martins, as crônicas passaram a ocupar este espaço em uma “seção, via de regra semanal, na qual aludiam os fatos marcantes da semana. O uso da palavra para indicar relato e comentário, na pequena seção dos jornais, acabou por estender-se à definição desse mesmo espaço e do tipo de literatura que se produzia” (Martins, 1984, p. 8).

Na edição do dia 28 de janeiro de 1800, o *Journal des Débats et Loix du Pouvoir Législatif, et des Actes du Gouvernement* de Paris inaugura a seção intitulada *feuilleton* (*Feuilleton du Journal des Débats*), no *rez-de-chaussée*, separado do restante do jornal por um traço horizontal das demais seções do dia. Neste espaço, segundo Gomes, “eram publicados textos diversos, de propaganda de espetáculos teatrais a efemérides políticas e literárias, passando por itens dedicados à moda, a jogos de adivinhação” aparecendo gradativamente, já a partir da edição de 31 de janeiro daquele ano, as primeiras opiniões e autonomias do

redator da seção<sup>28</sup> (Soares, 2014, p. 78). Com essa nova forma de mediação, a cidade, especificamente Paris, “descobria no *feuilleton* certo modo discursivo de manifestação cultural”, sendo copiado por outros periódicos não só em Paris, mas também em outras cidades francesas, que acabavam por publicar versões locais que atenderiam aos interesses também locais (Soares, 2014, p. 79).

O universo cultural brasileiro do século XIX, em processo e busca de configuração própria, absorvia comumente usos e costumes europeus, sobretudo franceses e ingleses, o que não seria diferente também nas experiências e modelos da imprensa do Velho Mundo. Assim, o sucesso do *feuilleton* francês logo aportaria em terras tropicais em congêneres inspirados em todo ou em parte no que se produzia originariamente. Tal importação deu-se, de certa forma, naturalmente, como bem destaca Soares, uma vez que:

muitos jornais aqui publicados eram êmulos de modelos franceses, como o *Jornal dos Debates*, *O Gabinete de Leitura*, etc., e alguns até foram criados por imigrantes da terra de Balzac, como o *Jornal do Comércio*, fundado em 1827 por Pierre Plancher, sem contar os que eram impressos diretamente em francês, como *L'Independant: Feuille de Commerce, Politique et Littéraire*, também de 1827, o inicialmente bilíngue *O Moderador*, de 1831, e a parte política e literária da edição dominical do *Correio Mercantil*, entre outubro de 1851 e março de 1852 (Soares, 2014, p. 12-13).

---

<sup>28</sup> Julien-Louis Geoffroy, o primeiro redator do *feuilleton*, era professor de retórica em Paris (França, 2012, p. 24).

No âmbito literário, a maior parte do que se publicava lá também encontrava traduções nas páginas dos jornais locais, como, por exemplo, os romances de Balzac, Alexandre Dumas, Eugène Sue, e até mesmo de nomes que não sobreviveram ao tempo, como os hoje desconhecidos Paul de Kock, Xavier de Montépin, Paul Féval, Alexis de Valon, Élie Berthet e Emmanuel Gonzalès, em sinal de que, de acordo com Soares (2014, p. 13) “mesmo autores de qualidade duvidosa encontraram respaldo na imprensa” brasileira do período, em contraste do que acontecia com textos de mais envergadura publicados em nossos vizinhos sul-americanos que por aqui permaneciam desconhecidos<sup>29</sup>,

---

<sup>29</sup> Como exemplo, *Facundo, ou civilização e barbárie*, obra-prima do Argentino Domingo Faustino Sarmiento, publicado no periódico chileno *El Progreso* e em livro, ambos em 1845 e que traziam temas diretamente relacionados ao Brasil, como as políticas do também argentino Juan Manuel de Rosas, só seria publicado no Brasil em 1923, tendo chegado à corte antes, mas em tradução francesa, conforme estampado no *Diário do Rio de Janeiro* em 12 de agosto de 1854 (Soares, 2014, p. 15). No entanto, se as obras publicadas em livros eram escassas, isto não quer dizer que inexistia relações literárias entre Brasil e Argentina, por exemplo. Elas se estabeleceram ao longo do século XIX, sobretudo no 2º Reinado como apontado por Maria Eunice Moreira (2015, p. 228-244). Ainda de acordo com a autora, “alicerçadas geralmente no silêncio, citadas com raridade e parcimônia, ocultadas por motivos políticos e ideológicos, sobretudo de lá para cá, as relações literárias entre brasileiros e argentinos tornaram-se, porém, vozes soantes para a leitura da história da literatura de ambas as nações” (Moreira, 2015, p. 240-241).

em afirmação que caminha no mesmo sentido da crítica de José de Alencar feita em sua própria seção cronística: "nós macaqueamos dos franceses tudo quanto eles têm de mal, de ridículo e de grotesco" (Meyer, 1992, p. 99).

Assim, a adoção do *feuilleton* pela imprensa brasileira era apenas parte deste contexto de repercussão. No Brasil, "os seus imitadores, aparecidos depois de 1836<sup>30</sup>, traduziam o termo para 'folhetim'" (Moisés, 2004, p. 10). Esta data, que durante décadas foi indicada como a inauguração do gênero no país, porém, é controversa. Nas pesquisas para sua tese<sup>31</sup>, a canadense Nova Doyon comprovou que o jornal *O Moderador, Novo Correio do Brasil, Jornal Político, Comercial e Literário*, foi onde surgiu pela primeira vez a seção nomeada *feuilleton*, na edição de 9 de abril de 1830. Com efeito, "no segundo número, publicado em 10 de abril, aparecia [...] uma resenha ao primeiro volume do *Parnaso Brasileiro, ou Coleção das melhores obras dos poetas do Brasil, tanto inéditas como já impressas*, do Cônego Januário da Cunha Barbosa" (Soares, 2014, p. 89).

Apurando a lente, chegamos finalmente à cidade do Rio Grande. Aqui, os cronistas se colocavam a serviço da imprensa "que se destacou tanto pela qualidade, quanto pela quantidade do número de periódicos"

---

<sup>30</sup> Em 23 de maio de 1836 ocorreu o lançamento do periódico *O Cronista*, "abrindo um espaço jornalístico para a criação livre e descompromissada" (Meyer, 1996, p. 60).

<sup>31</sup> Intitulada *Le rôle de l'apresse dans la Constitution du Littéraire au Bas-Canada et au Brésil au cours du premier XIXe siècle. Vers la formation d'une culture nationale dans les collectivités neuves des Amériques*, apresentada na *Université du Québec à Montréal* em 2008. A informação consta na página 293 da referida tese e foi citada por Soares, 2014, p. 89.

(Gautério, 2013, p. 313), tendo sido uma das primeiras cidades sul-rio-grandenses a possuir jornais editados, superada apenas pela capital, Porto Alegre. O folhetim surge na imprensa local pela primeira vez na edição de 15 de maio de 1856, justamente nas páginas do *Eco do Sul*. Ali, era publicada uma coluna ocupando a seção dos folhetins, na primeira página, denominada *Revista Semanal* (por outras vezes denominada *Revista Teatral*), escrita com tom ameno e a preocupação de chamar a atenção de leitores heterogêneos, segundo Rosa Gautério. Assim, o redator que se apresentava como "Lince", escreve em crônica de 29 de maio sobre a responsabilidade de assinar um gênero ainda pouco conhecido:

Nós, porém, aqui, ainda vacilamos se o nosso folhetim corresponde as exigências [...], estamos perplexos entre o riso e a seriedade. [...] A tarefa em escrever no Rio Grande uma análise crítica às ocorrências que surgem no decorrer dos dias da semana, se não é ardua, pelo menos, não é fácil! [...]. Raciocinemos: no Rio de Janeiro, aonde se aspira mais força vital, aonde a vida borbulha incandescente nos seres orgânicos e inorgânicos, há oportunidades em que as Revistas Semanais parecem terem sido traçadas com o pé no estribo. E a semana, e a semana?! Interrogatório ingênuo que alguns caros leitores se dignarão fazer-nos. Perdão, minhas senhoras, o cavaco do princípio do folhetim, é o transunto da esterilidade das ocorrências hebdomadárias. Disse-nos o que nos era mister para completar o folhetim, porque tinha-nos forçosamente que dizer alguma coisa (*Eco do Sul*, 29/05/1856 p. 1).

O cronista estabelece aquilo que é uma característica recorrente da crônica desde sua origem folhetinesca: a autorreflexão, o pensar (e externar) o próprio ofício. Nesse caso, as lamentações do autor dizem respeito não só a tarefa em si (orientação/ordenação dos proprietários? Auto-ordenação para acompanhar os tempos? Desejo/pedido do público leitor do *Eco*?), como pelas pretensas dificuldades em se levar adiante a tarefa a partir do seu lugar de produção, importante, mas periférico em relação à capital da província, e principalmente (como destacado na própria crônica) à capital do império.

Feita esta breve incursão teórica - e também historiográfica - sobre a crônica brasileira e sulina, passemos à análise das crônicas de Ângelo Dourado, propriamente ditas, no *Eco do Sul*.

A crônica se impõe como um entrelaçamento reflexivo (e ao mesmo tempo literário) do seu tempo, e um dos primeiros cronistas a externar estas características foi o médico, político, intelectual e escritor Ângelo Dourado, nas páginas do diário rio-grandino *Eco do Sul*.<sup>32</sup> A literatura teve historicamente um importante espaço nas páginas dos jornais e não seria diferente no

---

<sup>32</sup> O jornal *Eco do Sul* foi um dos mais destacados jornais do Rio Grande durante o século XIX e constituiu-se, segundo Alves, em uma "das mais longevas publicações sul-rio-grandenses, tendo durado desde o final da década de cinquenta do século XIX até os anos trinta do século seguinte" (Alves, 2002, p. 271). Foi, também, um dos mais ferrenhos opositoristas ao castilhismo-borgismo em fins do século XIX e princípios do século XX.

*Eco*, que publicava diversificadas manifestações literárias, dando vez e voz a muitos dos autores gaúchos que não teriam tantas oportunidades de levar a público seus escritos, numa época em que a tônica discursiva dos jornais em geral, e do *Echo* em especial, era a político-partidária, não sendo possível dissociar, na maioria das vezes, manifestações literárias de posicionamentos políticos.

## **A Guerra do Paraguai, a República e a crônica de Ângelo Dourado**

Para analisar a relação entre estes três aspectos aparentemente distintos, precisamos recuar brevemente no tempo. A implantação da República, no caso específico do Rio Grande do Sul, possibilitou um rearranjo no poder, destituindo os liberais comandados por Gaspar Silveira Martins do comando do agora Estado, e promovendo a ascensão de Júlio de Castilhos e o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) ao centro do poder. As oposições, formadas tanto por liberais, como por conservadores, monarquistas e até mesmo republicanos dissidentes, organizaram-se em torno do Partido Federalista para combater o castilhismo, e essa disputa acabou dando origem a Revolução Federalista. A guerra, propriamente dita, durou de 1893 a 1895, mas a “trincheira discursiva” se estendeu por longos anos, com batalhas por meio de palavras sendo travadas através da imprensa por defensores e acusadores de ambos os lados. Uma destas “trincheiras”, identificada com o lado federalista, estava estabelecida justamente

nas páginas do jornal *Echo do Sul*, e um de seus mais ferrenhos combatentes era Ângelo Dourado.

Ângelo Dourado foi uma das mais proeminentes figuras ligadas às oposições sul-rio-grandenses daquele fim do século XIX e início do século XX, tendo sido um dos fundadores do Partido Federalista e tomado partido durante a Revolução Federalista (1893-1895), na qualidade de coronel-médico das forças do general maragato Gumercingo Saraiva. Escreveu, durante o conflito, uma das mais célebres obras<sup>33</sup> de caráter testemunhal da guerra, o livro *Voluntários do Martírio*, publicado pela Livraria Americana em 1896. Terminada a Revolução Federalista, o escritor continuou de forma sistemática e ferrenha sua oposição ao castilhismo através de seus escritos de natureza política, principalmente por meio de suas manifestações na imprensa. Sua escrita autoral o situa na zona limítrofe entre o cotidiano, o ontem e o porvir, entrelaçando na sua narrativa os três tempos e um só: o seu. Traços de literalidade são conjugados com narrativa factual e ensaios de reflexão, essencialmente críticos, que entregam ao leitor sua visão de mundo e suas convicções político-ideológicas. Ao todo, foram dez anos (de 1895 até sua morte, em 1905) de produção textual, em sua maioria crônicas, em que o escritor federalista utilizava do espaço como tribuna para defender seus ideais e atacar seus inimigos. Para este artigo, vamos nos ater a um recorte muito específico, a saber, uma amostragem dentro do universo da série de 20 crônicas intituladas

---

<sup>33</sup> Sobre a importância de *Voluntários do Martírio* na construção da historiografia sobre a Revolução Federalista, ver Oliveira, 2009.

“Alerta”, publicadas no *Eco do Sul* entre os meses de janeiro a março de 1899, cuja temática girava em torno da Guerra do Paraguai de maneira explícita, mas dialogava intimamente com a situação da república do período.

A Guerra do Paraguai influenciou nos rumos do império nos aspectos econômico, social e político, colaborando para o colapso do regime em 1889. Temos, a partir dela, um cenário de formação do Exército, em seu sentido de maior organização e profissionalização, bem como de seu fortalecimento institucional e, como uma das consequências, surge aquilo que podemos chamar de uma tomada de “consciência de classe” da entidade. No plano regional, especificamente no Rio Grande do Sul, significou o enfraquecimento da forma de organização miliciana tradicional, formada pelas guerrilhas que tradicionalmente foram vitoriosas nas campanhas de intervenção e guerras no espaço platino, baseada nas estratégias táticas de ataques rápidos e cooptação política, tirando vantagem inclusive das divisões intestinais dos caudilhos da região argentina e uruguaia.

A propaganda vigente no Brasil em relação à Guerra do Paraguai tratava Solano Lopez como um “tirano” ou um “arremedo de Napoleão”, e esse discurso foi dominante na descrição e apropriação daquele evento. Outro ponto a ser destacado na formação de um tipo de caracterização construída no maniqueísmo do conflito, é a criação simbólica a partir dos chamados “Voluntários da Pátria”, que engrossaram as fileiras do exército brasileiro como sendo aqueles abnegados e heroicos patriotas na luta pela liberdade e contra a tirania personificada em Lopez. Ecos deste discurso,

tanto de ligação do líder inimigo a termos como “ditador” e “tirano”, quando dos brasileiros como “abnegados” e “heróis” da pátria, sobreviveram aos tempos da guerra e foram apropriados pela escrita de Dourado, tentando ilustrar a análise de sua contemporaneidade com os exemplos, para eles muito similares, entre aquele passado e o seu presente.

Na primeira crônica sobre a temática, ainda sem citar textualmente a Guerra do Paraguai, faz menção indireta aos “Voluntários da Pátria”:

As leis de Sólon condenavam à morte a todo grego que nas guerras civis se conservavam neutros ou indiferentes. Esta condenação, que à primeira vista parece um ato de crueldade, perde esse caráter desde o momento em que se compreenda que as guerras civis são sempre a resultante da opressão, da espoliação da fortuna pública, da confiscação dos direitos dos indivíduos, mais irrita, ainda, quando a esses indivíduos se dá o espetaculoso título de cidadão.  
[...]

As guerras civis que encontram uma parte da população “indiferente” ou “neutra” se prolongam e se eternizam até aniquilar o todo; ao passo que cada qual tomando a parte que lhe compete, elas podem ser medonhas, mas são rápidas, são uma ferida aguda que rapidamente se cicatrizara.

[...]

Nas modernas democracias, piores que as autocracias, os homens apenas olham o seu quatriênio ou lustro de governo. Fazem pela vida, plantam ódios, firmam partidos pela força, e conservam o ânimo público em uma tensão

enorme, disfarçada sob a capa da resignação pelos fatos consumados. Julgam-se impunes, porque esquecem de que um braço, uma vontade, um amor sincero da pátria podem fazer mais num momento do que uma revolta, sem união de vistas, em anos (Eco do Sul, 11/01/1899).

Nessa crônica, que se pretendia introdutória à temática que viria a ser abordada nas subsequentes, Dourado evoca aos brios de um povo que se mantinha neutro em momentos político-sociais considerados críticos, como aqueles em que escrevia. Mesmo muito provavelmente sabendo que o leitor do *Echo do Sul* era, potencialmente, simpatizante dos ideais professados pelo diário rio-grandino, a pura identificação com estes valores não era suficiente para agir em direção à mudança pretendida. Mais do que simpatizar, ou pior, manter-se neutro ou em inércia, era necessário ao leitor engajar-se nos assuntos da jovem república, enfrentando de maneira mais ativa a situação que se apresentava, representado pelo castilhismo-borgismo. Neste trecho, também, apresenta sua crítica àquela república que se instalara em 1889 e os políticos que estariam mais preocupados com a sustentação de seus “quatriênios ou lustros” de governo, do que com os interesses do seu povo.

Na segunda crônica, dá continuidade à introdução do tema, destacando algo recorrente em seus escritos: a equiparação do seu ofício de médico com a situação política do Brasil - sendo este o doente - e a revolução, sua única possibilidade de cura:

[...] Será uma exposição longa, fastidiosa, sem atrativos. É um defeito meu - defeito de médico que habituou-se a ouvir a narrativa de longas enfermidades, a ver as chagas mais asquerosas, sem repugnância. O Brasil é hoje um enfermo nestas condições; os homens honestos serão seu médico; eu não serei mais do que o expositor de seus males. Portanto serei lido, e lido com atenção e sem repugnância, tão somente pelos homens honestos do meu país.

[...]

Triste da nação cujo exército ou armada não é composto de homens tirados do seio do povo, e portanto sentindo as mesmas dores nas desgraças, e as mesmas alegrias nos dias propícios que alegram ao povo, ou o oprimem. Felizmente, sim, porque a nação que não tem um exército de homens amantes da pátria a que defende, é uma nação que caminha para o seu aniquilamento (Eco do Sul, 12/01/1899).

Neste trecho, além da comparação citada, que possibilita-o atuar em ambas as frentes, uma vez que prescreve, por assim dizer, receitas para a cura doente enquanto médico, também corteja um dos elementos-chave na Guerra do Paraguai, as forças armadas brasileiras, composta pela Armada e o Exército, vinculando-as ao povo cujos interesses e sofrimentos seriam os mesmos.

Na crônica intitulada *Alerta IV*, a Guerra do Paraguai aparece pela primeira vez de forma explícita, e os contornos do juízo de valor e da abordagem pretendida já se mostram mais visíveis. Em seu discurso, acusa Lopez de planos de natureza imperialista na região:

Lopez sonhou um dia no Paraguai reunir sob a coroa que já sonhava, desde que viu os faustos de Napoleão III, todos os estados que pertenceram à Espanha na América do Sul. Era o sonho grandioso de Bolívar; mas sonho onde o bem dos povos desaparecia para deixar em relevo somente a sua pessoa, o seu interesse, sua ambição, seu orgulho a escravização de milhões de homens. Para isso, porém, era preciso aproveitar-se do descuido em que se achava o Brasil, e abatê-lo. Era o único obstáculo para a criação do império espanhol americano para a dinastia Lopez, o colosso do Cruzeiro.

Desfeitos nos cálculos, ele mostrou os dentes de chacal. Seus melhores amigos, seus parentes eram condenados ao chicote e ao cepo de Uruguaiana, por simples suspeitas; e nesse suplício, mulheres e velhos, vergastados pela soldadesca deviam denunciar cúmplices a quem ele queria que fossem denunciados para mandar matar - suas próprias irmãs, sua mãe sofreram o aviltamento. Os homens que se opunham moralmente a isto "eram seus inimigos" e sujeitos às mesmas penas. Era depois de seus almoços opíparos, de suas libações, quando todos já morriam de fome, que ele mais delações exigia, e mais vítimas entregava aos algozes.

Lopez, não podendo fugir, morreu como valente; mas os que, em outros povos, têm, não seus planos gigantescos, mas apenas o desejo de verem o luto no povo que o sustenta, vivem confortavelmente nos seus palácios, enquanto o povo se esfrega na miséria e nas apreensões sobre esse nebuloso amanhã que já se anuncia.

Sim! **Quem tem um exemplo, e não se aproveita dele para afastar os males, ao contrário, provoca-os, tem a alma de Lopez, sem ter a sua coragem de marchar para o combate à frente de suas hostes.** Recordemos os fatos que se têm dado no Brasil e veremos que só um propósito firme de alterar essa aparente tranquilidade poderia provocar os que se estão dando (Eco do Sul, 14/01/1899) [grifo meu].

Tal trecho é sintomático e ilustrativo de seus diversos propósitos, ao caracterizar o líder paraguaio como alguém obstinado pelo poder e pela conquista, que transforma até mesmo seus próximos em inimigos, caso julgue qualquer tipo de oposição ou resistência, ou ao menos “por simples suspeitas”. Além disso, estabelece a primeira relação direta com a sua situação do presente, fazendo alusão aos seus congêneres que não dispunham de planos de igual dimensão (a conquista territorial, neste caso), mas “o desejo de verem o luto no povo que o sustenta”, não teriam a mesma coragem de Lopez, que “morreu como valente” ao não poder fugir, mas ao contrário, aqueles prefeririam refugiar-se em seus “palácios”. No trecho destacado, a ambiguidade de destinatários é percebida, mas a intenção é a mesma: a história serve de lição tanto para o povo que deveria aprender com o passado (e em especial aqui, os eventos da Guerra do Paraguai), mas também os governantes que, tendo atitudes semelhantes às de Lopez (a “alma de Lopez”, como configurada), ao mesmo tempo desqualificados por ter seu pior, ou seja, a sanha tirânica, sem o seu melhor, ou seja, a coragem de “marchar para o combate à frente de suas hostes”. Esta distinção entre lideranças que estavam no *front* e as que estavam

encasteladas em seus palácios tem seu paralelo nos próprios eventos da Revolução Federalista, onde os líderes das oposições estavam, em sua maioria, no campo de batalha (os irmãos Tavares, Joca e João Nunes; os irmãos Saraiva, Gumerindo e Aparício; e o general Salgado, além, é claro, do próprio Ângelo Dourado), enquanto os líderes castilhistas faziam a guerra de seus gabinetes.

O excerto a seguir trata das visões acerca do conflito sul-americano, onde Dourado justapõe as diferentes abordagens usuais na época, em denúncia à posição dos castilhistas (os quais, apesar de não serem acusados explicitamente, em uma leitura atenta percebe-se o destino do discurso ao serem citados logo abaixo), que assim a caracterizava como “desnecessária” por terem práticas semelhantes e pontos de aproximação:

Para muitos que, na advocacia de causas que lhes promete lucros enormes, e que só pelo prisma do interesse veem os objetos, e por isso não importam que as coisas mais dignas da pátria sejam transformadas em crime, a guerra com o Paraguai foi um ato desnecessário, foi um capricho, foi uma vingança pessoal por ter Lopez querido casar-se com a filha de D. Pedro.

Mesmo depois do que se viu, do que se soube, a respeito daquele moderno Calígula, o espírito de oposição levava a ponto de ter-se desejos de um tirano por senhor, que seria o plantador da tirania eterna na América do Sul até a extinção das raças que a povoam.

Não nos admira isto, porque hoje ainda há quem deseje o Sr. Castilhos para seguir a política do Marechal; ou antes, rever Lopez no Brasil. Para a

seita positivista, que aconselha o assassinato ou o justifica, essa guerra foi um crime, e por isso devia-se entregar ao Paraguai os troféus ganhos aos paraguaios. Lopez sonhava com uma coroa, chegou a pedir os moldes dessa joia na Europa, que foi depois encontrado nas alfândegas de Buenos Aires (Eco do Sul, 20/01/1899).

Ao acusar o inimigo de querer “entregar ao Paraguai os troféus ganhos”, o autor advogava a teoria de que, não só os positivistas alinhados ao castilhismo consideravam a guerra um ato equivocado, como de que estes seriam anti-patriotas, entreguistas, uma vez que defendiam aquela entrega, e isto não parecia possível ou sequer admissível para Dourado, que apelou durante a maioria das suas crônicas justamente para os brios patrióticos de defesa da soberania e da afirmação brasileiras. A partir desta abordagem, os castilhistas seriam duplamente traidores de seu povo: pelas práticas adotadas internamente em seus governos e, também, externamente nas posições em relação à Guerra do Paraguai.

O trecho selecionado a seguir faz nova associação de Lopez com Castilhos:

Não fora a providência que colocou à frente desses homens que não temiam a morte, a Lopez, **o protótipo da ambição, da vaidade, da injustiça, que matava os seus generais, no receio de que se distinguindo-lhe roubariam as glórias e talvez o poder**, e depois dizimava o exército por não lhe ter dado a vitória por toda a parte, quem poderia vencer na América aquele exército paraguaio, se triunfante tivesse a sua frente um homem de

gênio, um homem justo, um homem que não sacrificasse a vida e a tranquilidade dos outros pelo seu interesse pessoal? O que seria do Brasil, apesar da bravura tantas vezes provada de seus filhos se aquele homem não fosse um monstro e quisesse para dar nome ao seu povo fazer abater a hegemonia brasileira, e que tinha generais e soldados como Dias, para quem o perigo e as dificuldades não existiam! Se não fosse a Providência, **que desviou a mente do Sr. Julio de Castilhos para só pensar na sua pessoa e grandeza futura**, e por isso apesar de ter sob o seu comando imediato o general Galvão, o exército brasileiro e às suas ordens o tesouro nacional, o que seria daquele punhado de lutadores, restos das falanges de Gumercindo Saraiva, onde escrevi o meu diploma de cidadão brasileiro, cercados por toda a parte, a revoltear como a presa que procura uma saída, onde se acha encerrada?

O que seria de nós se o Sr. Julio de Castilhos não meditasse desde então negar tudo ao exército, colocando por toda a parte os oficiais do exército às ordens dos seus generais, para no fim poder dizer que só os seus patriotas lutaram como há pouco se declarou no Congresso? Que seria de nós se os corpos do exército fossem os encarregados exclusivamente de nos perseguir ou nos impor as marchas?

É preciso crer-se na Providência, e quem crê sabe esperar. No desânimo mesmo há uma dúvida, a dúvida é um sinal de esperança. Esperemos (Eco do Sul, 24/01/1899) [grifo meu].

As características de egoísmo e sistemática perseguição do ditador paraguaio àqueles que

eventualmente fariam-lhe sombra, disputando glória e prestígio ou mesmo, de maneira incipiente, pudessem “roubar o poder” ou a evidência protagonística de que dispunha, são claros indícios de associação à Castilhos, ao qual também era acusado de práticas semelhantes na condução da política no Rio Grande do Sul e que, igualmente, não admitia qualquer ascensão de personalismos além de seu próprio como líder do seu estado. Além disso, este trecho também é sintomático quanto à tentativa de dissociação do exército instituição aos atos do castilhismo, tendo aquele sido “usado” aos caprichos de alguns generais a serviço do ditador sulino.

[...] A guerra do Paraguai, dizia Agassiz, não tem caráter egoísta; e o povo brasileiro deve ser considerado o “Estandarte da civilização na América do Sul”. “Nesta luta, dizia o sábio estrangeiro, o Brasil merece a simpatia do mundo civilizado; o que ele ataca é a organização tirânica, semiclerical e semi-militar, que tomando o título de República desonra o belo nome que usurpa”.

[...]

Entretanto o Brasil império ia, com sacrifício, libertar o Paraguai, no Rio Grande, estabelece-se o positivismo como lei e religião, não em mãos puras como delirou Comte, mas em mãos manchadas em todos os crimes, e o Brasil vem em auxílio da tirania, sacrifica o erário público, arrasta a nação à desonra, à miséria; busca desmoralizar o exército, o fator da república sujeitando-se ao generalato do Dr. Júlio de Castilhos (Eco do Sul, 25/01/1899).

A ironia da situação, ilustrativamente abordada pelo autor, é que o “povo brasileiro”, responsável por “atacar a organização tirânica” personificada em Lopez, e que teria libertado o povo paraguaio desse ditador, é o mesmo que teria aceitado a imposição de iguais pendores representada pelo positivismo de Comte liderado por Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul, de iguais matizes tirânicas segundo Dourado, às custas do erário público que patrocinava tais atrocidades e manchava a república e o próprio exército, em mais uma tentativa de dissociação da entidade aos planos e ações do castilhismo.

As lições que o país deveria tirar da Guerra do Paraguai e que seriam aplicáveis à situação política do Brasil daquele fim de século, aparecem de forma sistemática em seus escritos, voltando o autor sempre que possível na associação dos equívocos do passado e fazendo jus ao teor de “alerta” que intitulava cada crônica. Assim, argumentava Dourado que:

[...] A guerra com o Paraguai, [...] trouxe para o Brasil a maior lição que é possível ter os povos de boa fé que se adormecem na imprevidência, confiante no patriotismo, número, e bravura; mas esquecidos de que num momento o inimigo astuto, pode marchar para manietar-lhe os braços enquanto publicamente lhe dão as maiores provas de afeto, de apreço e fraternidade.

[...]

O Brasil vingaria a afronta, porque então o Brasil era uma nação e não um bando de feitorias onde cada feitor só busca num castilhismo sem alma o aniquilamento do brio e da riqueza pública para dominar, releve-se as exceções; mas quanto nos

custaria organizar essa desforra se o inimigo se apoderava do nosso centro motor?

A história narra esse fato em referência a nós, e está cheia de fatos similares; mas o governo da república brasileira, ou seus governos, só pensam em vencer as dificuldades de seu mandato, embora para isso sacrifique o futuro da pátria, e o povo bestializado aplaude hoje o que amanhã nos há de fazer chorar lágrimas de sangue por não termos tido coragem de no momento em que se nos preparam esse futuro de desgraças de que os fatos atuais são premissas, visando a pátria; e esquecidos dos males momentâneos, para nos opormos como uma única vontade a esse mundo de desgraças que homens sem coração derramaram e derramam no caminho por onde hão de trilhar seus próprios filhos. A guerra com o Paraguai ensinou ao Brasil a não adormecer na confiança do valor de seus filhos, e na pequenez relativa de seus vizinhos. Por pequeno que seja um povo, seu orgulho, a ambição o engrandecem (Eco do Sul, 26/01/1989).

De maneira implícita, evoca ao Brasil que lutou contra o inimigo, a tirania paraguaia, ou antes, de seu líder, a fazer o mesmo em suas próprias terras, com outro inimigo mas que seria tão – ou mais – nefasto quanto, o castilhismo tirânico do Rio Grande do Sul, por isso os vários “ensinamentos” e “lições” destacados no trecho, sempre de forma a enfatizar e “alertar” os leitores das situações semelhantes entre o passado da Guerra do Paraguai, e o presente da Revolução Federalista que ainda ecoava naqueles tempos de divisões políticas, tempos, aliás, que eram tratados como desanimadores

pelo autor, como podemos perceber no trecho destacado a seguir:

[...] Entretanto, que hoje... Não falemos de hoje. Este hoje do Brasil é a inundação do lodo, onde só as hidras medram, onde só as minhocas proliferam. Não há dia em que não se leia notícia de um roubo no correio, nas alfândegas, nas estradas de ferro, nas tesourarias, fala-se disso apenas para Gaudio da reportagem, e depois tudo volta ao silêncio com o mesmo indiferentismo.

[...]

Quando a injustiça da lei é sementância de refúgio, a providência torna-se vingadora. Os criminosos serão punidos, e o Brasil voltará a ser Brasil, depois de justicar aos que o arrastaram à desonra e à ruína. É questão de tempo, e talvez bem curto (Eco do Sul, 28/01/1899).

Ao indicar sua contrariedade em falar do seu presente, na verdade enfatiza ainda mais suas críticas à situação, com destaques às notícias de corrupção que povoariam a imprensa, mas que encontravam uma massa leitora indiferente, também em outro tópico já abordado em sua primeira crônica, sobre o povo omissos e alheio aos destinos da sua vida social e política. Entre desencanto e esperança, era na “providência” (talvez com certa ajuda de suas crônicas) que pretendia acordar o povo “bestializado” para, finalmente, tomar as rédeas de seu próprio destino e engajando-se na revolução pretendida, alterar aquele atual estado de coisas e desalojar o castilhismo do poder.

Revolução, aliás, que seria uma continuação natural daquela já levantada pelos próprios federalistas e lembrada a esta altura de suas crônicas:

[...] Os representantes da grande maioria do povo rio-grandense, os **Voluntários do Martírio**; esse punhado de maragatos, depuseram as armas, aceitando a paz que o governo da União lhes propunha, não por medo, não por cansaço.

Homens que do Rio Grande chegaram até a fronteira de São Paulo, e de lá voltaram, e depois de escaparem da morte como presa de caça, que se escapa dos gozos da matilha, voltaram ao campo da luta, como voltamos, não conheceu o receio de morrer este batalhão, apenas o dever de lutar.

Apenas o passado não foi aproveitado como lição. Já havíamos, para fugir da guerra civil, depostas as armas, nas mãos de um batalhão do exército nacional, esse batalhão e seu chefe obedeceram a ordem do Sr. Júlio de Castilhos de lutar contra os que se tinham confiado neles (Eco do Sul, 05/02/1899) [grifo meu].

Destaque-se que, na argumentação do autor, “um punhado de maragatos” representava “a grande maioria do povo rio-grandense” (assim como o exército brasileiro que lutara na Guerra do Paraguai representaria a maioria do povo brasileiro), ou seja, uns poucos abnegados lutando pelo bem maior de seus povos.

Finalmente, chamo atenção para a utilização do termo “Voluntários do Martírio”, que serve tanto de designação dos combatentes da Revolução Federalista,

como também foi o título de seu livro mais famoso, em uma clara alusão aos “Voluntários da Pátria” que lutaram na Guerra do Paraguai. Trata-se de mais do que uma associação, mas de uma apropriação simbólica do ideário deste conflito equiparando-a à mensagem federalista, como sendo iguais e indissociáveis em objetivos e pretensa heroicidade. Dourado utiliza deste discurso para comparar os inimigos políticos e identificá-los com os propósitos, estratégias e ações do líder paraguaio, e assim usa e abusa, ao longo de suas crônicas, da evocação à memória da guerra como explanação e fundamento discursivo de seus próprios intentos enquanto escritor engajado com os rumos políticos de seu tempo.

Em suma, é possível delimitar que a Guerra do Paraguai, ou antes, as construções acerca dela, teve sua memória disputada e utilizada pelo jogo de poder estabelecido na trincheira discursiva do final do século XIX, onde o que estava em foco era a tentativa da conquista ou adesão de parte da opinião pública para o projeto político em questão, no caso, dos federalistas que se opunham ao castilhismo-borgismo. A guerra teria uma função, de certa forma, didática, ao servir de lição para aquele presente, e com vistas ao futuro da nação, em utilização tipicamente romântica da palavra, principalmente ao ancorar-se no passado heroico, idealizado e educador da contemporaneidade. Além disso, a tirania de Castilhos era frequentemente equiparada à tirania de Lopez, sendo aquele ainda pior do que este, pois faltavam-lhe brios e coragem para estar na linha de frente dos combates.

Ao contrário da Guerra do Paraguai que chegara ao seu fim com a derrota total dos inimigos, a Revolução

Federalista ainda estava viva, apesar de seu fim oficial também já ter acontecido quando Dourado escrevia suas crônicas. De fato, com o fim da luta armada através do armistício de 1895, a luta federalista se prolongaria, metamorfoseada, mas ainda atuante em distintas frentes, tão importantes quanto à guerra em campo propriamente dita. Uma destas frentes de disputa em combates ideológicos por meio das palavras, ou seja, panfletária e literária, era ocupada justamente por Ângelo Dourado, que usava das armas que dispunha naquele momento – suas crônicas no *Echo do Sul* – como única forma possível e disponível de resistência e enfrentamento, de forma a viabilizar uma nova insurreição, ou, ao menos, de manter acesa a chama da revolução que, afinal, iria mostrar novamente sua face, com características próprias e anteriores, somente em 1923.

## Fontes e referências bibliográficas

### Fontes:

#### Periódicos:

Eco do Sul, 11/01/1899

Eco do Sul, 12/01/1899

Eco do Sul, 14/01/1899

Eco do Sul, 20/01/1899

Eco do Sul, 24/01/1899

Eco do Sul, 25/01/1899

Eco do Sul, 26/01/1899

Eco do Sul, 28/01/1899

Eco do Sul, 05/02/1899

(todos os periódicos acima estão disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense).

### **Bibliografia:**

Alves, F. N. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

Bender, F.; Laurito, I. *Crônica: história, teoria e prática*. S. Paulo, Scipione, 1993.

Candido, A. A vida ao rés-do-chão. *In: Candido. [et. al.]. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

França, J. *O narrador ético: experiências e sabedoria nas crônicas brasileiras do século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

Gautério, R. C. H. A crônica nos periódicos sulinos no século XIX. 4º Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4, 2010, Feira de Santana. *Anais. Feira de Santana: Uefs, 2013*. Disponível em <[http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel\\_anais.p309-320.pdf](http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p309-320.pdf)> Acesso em 23/jan/2024.

Martins, D. A. P. S. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1984.

Meyer, A. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. In: Candido, A. [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Moisés, M. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev. e ampl. – S. Paulo: Cultrix, 2004.

Moreira, M. E. Literatos argentinos e brasileiros no império de Pedro II: algumas anotações. *Historiae* - 6(1): 228-244. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2015.

Oliveira, M. F. *O cronista maragato: Literatura e História nas crônicas de Ângelo Dourado publicadas no Eco do Sul (1896-1902)*. Tese (Doutorado em História da Literatura) - Programa de Pós-graduação em Letras. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2018.

Oliveira, M. F. *Quando a memória vira História: Ângelo Dourado e a historiografia sul-rio-grandense*. Rio Grande: Pluscom, 2009.

Soares, M. V. N. *A crônica brasileira no século XIX: uma breve história*. S. Paulo: É Realizações, 2014.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



BIBLIOTECA  
**RIO-GRANDENSE**



9 786553 060265

ISBN: 978-65-5306-026-5